

# “O país precisa de farmacêuticos fortes”

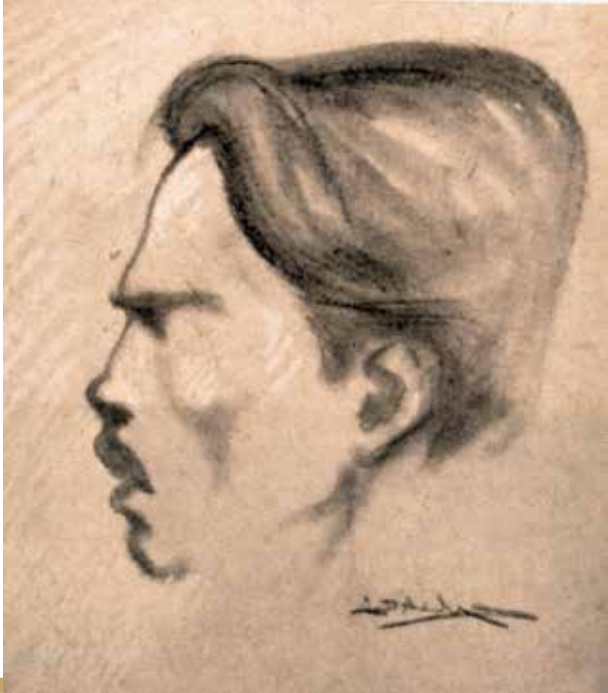


Este dossier é distribuído com a edição do semanário Sol



## À descoberta de Fernão Magalhães em Sabrosa

## “Viagem” com Aquilino Ribeiro a Sernancelhe



Franklin Marques, Presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos

# “Temos que falar mais em saúde do que em doença... E quem melhor do que o farmacêutico?”

*É o farmacêutico que mais confiança reúne entre os seus pares, a Norte, para a dignificação e consolidação da profissão no sistema nacional de saúde... Franklin Marques, reeleito Presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos, viu aprovado com maioria em sufrágio um legado e uma visão de futuro que aliam um enorme interesse público e que merecem ser acompanhados por decisões políticas mais pragmáticas... Em entrevista, o académico e a sua equipa de Direção da SRNOF refletem sobre o presente e futuro do profissional de saúde mais próximo dos portugueses...*

**É farmacêutico, académico e líder de uma classe profissional que recentemente voltou a depositar-lhe confiança quanto à defesa dos seus interesses, reelegendo-o com clara maioria como Presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos... O que o motiva para o exercício de um cargo que já desempenhou durante três anos e de um serviço voluntário em prol de uma instituição que serve há mais de uma década?**

Eu vivi e vivo a Ordem dos Farmacêuticos... faz parte de mim. Recordo-me que, ainda nos meus tempos de estudante, no quarto ano da Faculdade, tinha um professor que nos trazia para as antigas instalações da Ordem, onde partilhávamos muito sobre questões associadas à formação, ao exercício da profissão... Na altura, o então curso de Ciências Farmacêuticas tinha uma ligação à Ordem muito diferente da atual... Passe o exagero, diria que éramos farmacêuticos umbilicalmente ligados à Ordem. Hoje, existem mais organizações sectoriais, o que resulta numa maior dispersão... Entretanto, fui assistente na Faculdade e essa relação foi-se aprofundando, tornando-se ainda mais próxima e íntima. Mas nunca tinha estado ligado à Ordem enquanto dirigente ou membro dos quadros... Em 2000, fui eleito Presidente do Colégio da Especialidade Análises Clínicas, iniciando funções de conselheiro, mas só em 2008 entrei para a SRNOF como dirigente executivo... O que me faz estar atualmente na Ordem é, acima de tudo, a defesa da saúde pública e a promoção do incremento da qualidade e mais valia do nosso exercício profissional. Eu acredito verdadeiramente que temos um papel e um contributo muito importante em prol da saúde das pessoas. E também que o farmacêutico é um cidadão que, com os seus conhecimentos e quando bem aproveitado, é capaz de fazer coisas que podem auxiliar muito a tão desejada diminuição dos custos relacionados com a saúde do país. É um profissional que beneficia de um contacto muito próximo com o doente, que está numa posição privilegiada para lhe proporcionar uma melhor qualidade de vida, para diminuir o sofrimento das pessoas, ouvi-las... Se recuarmos na história e procurarmos conhecer o papel dos farmacêuticos nas aldeias, constatamos que



podemos recuperar e adaptar muitas das práticas de então... E, aproveitando os conhecimentos académicos que hoje temos no domínio da saúde, podemos perspetivar outros âmbitos de atuação, como já se verifica noutros países, como a reconciliação terapêutica, consultas farmacêuticas, apoio ao clínico e ao doente na monitorização e prescrição da terapêutica, servir a pessoa que realmente precisa de nós, promovendo a qualidade de vida, retirando em simultâneo a carga de doença e de episódios agudos que invadem o sistema hospitalar português... temos que estar numa fase anterior, nos cuidados primários, na prevenção, falar mais em saúde do que em doença... E quem melhor do que o farmacêutico? O farmacêutico nasceu para cuidar e tratar no âmbito da saúde, revelando-se um importante agente social e um profissional de saúde. Nós estamos com as pessoas diariamente e isso permite-nos detetar

signais precocemente e evitar muita sobrecarga no SNS. **Novo mandato, equipa renovada e muita juventude na Direção da SRNOF... O que sustentou esta candidatura?**

O sinal da juventude e de renovação é positivo porque, claramente, reúne muita competência e espírito de missão. E marca o início de um novo período de atividade e a afirmação da confiança e da estima de que fomos merecedores por parte dos farmacêuticos. É uma equipa que quer contribuir para um futuro bem maior desta instituição e dos farmacêuticos e que aceitou percorrer este novo caminho, e cumpri-lo com toda a honra, transparência, lealdade e convicção. Permita-me reiterar a minha crença, bem como a de toda a equipa que me acompanha, numa Ordem dos Farmacêuticos representativa e congregadora das vontades de todos aqueles que vêm na pessoa e na saúde as razões

primeiras para o desempenho de uma prática profissional de qualidade, enquanto farmacêuticos competentes nas suas mais distintas áreas de atuação. Assumimos funções que nos foram confiadas por nossos iguais, que na sua essência são dirigidas à dignificação da prática farmacêutica e da competência do farmacêutico em resposta às exigências que são impostas pela evolução dos tempos e da ciência.

**O que poderão esperar os farmacêuticos do Norte, depois da “grande montra”, a edificação da nova sede e, para quem conhece a instituição, a sua, diria... irreverente optimização?**

O caminho percorrido no último mandato ainda não está concluído, apesar de termos cumprido o principal desígnio de dotar a SRNOF de instalações que permitem o seu crescimento e o desenvolvimento e acolhimento de inúmeras atividades, da SRNOF e de

outras instituições que reconhecem excelência neste espaço. Hoje, o foco principal consiste em levar a cabo o crescente compromisso da profissão farmacêutica com o superior interesse público da prestação de cuidados de saúde ao cidadão, numa perspetiva de valorização do SNS. Ao que não poderá ser alheio o reconhecimento da dignidade do exercício desta profissão nem a defesa dos interesses destes profissionais enquanto agentes de saúde imprescindíveis na colaboração, definição e execução da política de saúde em cooperação com o Estado. Seguindo as palavras de Santo Agostinho “ Não basta fazer coisas boas - é preciso fazê-las bem”, virarmo-nos para o futuro determinados a fazer cada mais coisas boas e bem feitas, de modo a podermos dar um contributo decisivo e verdadeiramente marcante para a consolidação do prestígio da profissão, motivo pelo qual não nos sentimos limitados a iniciativas ou

Luís Rocha

“No passado, acolhemos a questão do novo edifício, que nos consumiu algum tempo, o que nos permite dedicar hoje especial atenção ao desafio de otimizar a sua utilização, seja pelo domínio da formação, cultural ou outros. Em suma, um dos desafios atuais consiste em aproveitar esta nova face da Ordem dos Farmacêuticos e abri-la à comunidade, em particular, aos farmacêuticos, cuja aproximação à Ordem entendemos igualmente como necessidade e desafio. Nesse sentido, fará todo o sentido procurarmos formas de chegar ao nosso principal público-alvo, sobretudo em territórios geograficamente mais distantes, “descentralizando” algumas atividades. Enquanto instituição representante de uma classe, cumpre-nos contribuir para a dignificação da profissão do farmacêutico, que sofreu nos últimos anos uma degradação global em termos de condições. Por isso, estamos focados na procura de formas de valorização do seu papel profissional e social.

Temos um líder que é bem conhecido no meio e na sociedade, o Professor Franklin, figura relevante em termos académicos, no seio da Ordem e, naturalmente, para os farmacêuticos. O trabalho que desenvolvemos, enquanto equipa, no passado, é relevante e as pessoas veem isso como fator de confiança. Temos desenvolvido um plano de atividades sólido, o mesmo se aplica ao equilíbrio económico-financeiro da Secção e, tudo isto, terão sido certamente elementos que pesaram na confiança que os farmacêuticos do Norte nos depositaram... Mas houve também um cuidado especial da nossa parte, beneficiados por este clima de estabilidade e da presença do Professor Franklin e de outros elementos da Direção com experiência, em renovar a estrutura: introduzimos seis pessoas novas nos órgãos sociais, muitas na faixa etária dos 20-30, eu e o Alberto, na Direção, também nos situamos nessa faixa... São pessoas que nos têm trazido ideias inovadoras em diversos domínios e que contribuem para o que desejamos: uma Secção Regional orientada para o futuro”.





## Alberto Coelho

“Este é o segundo mandato que exerço... Decidi aceitar o convite do Professor Franklim Marques para cumprir o segundo mandato porque acredito na experiência e conhecimento que tem da Ordem e na tenacidade com que defende as suas ideias. É uma mais-valia para a SRNOF. Decidi também aceitar porque temos vindo a realizar um trabalho de excelência, reconhecido por toda a classe e somos hoje uma referência não só a nível nacional mas igualmente internacional. Realizámos neste novo edifício um conjunto de eventos que muito orgulham toda a classe, com ideias bem claras e bem definidas e sob a liderança do Professor Franklim, tentaremos valorizar cada vez mais a profissão farmacêutica e o ato farmacêutico, o farmacêutico enquanto agente de saúde próximo das comunidades... E, enquanto farmacêutico comunitário, tenho a responsabilidade de trazer um aporte significativo para cumprirmos esse objetivo, juntamente com uma equipa coesa e que já se conhecia muito bem”.

“Temos ideias muito concretas nomeadamente no que concerne à prescrição e à consulta farmacêutica... O farmacêutico pode e deve ter um papel cada vez mais ativo na primeira decisão e contacto com o doente. E é nesse primeiro contacto que assumimos que podemos, em colaboração com os nossos pares e inter pares, trazer um aporte diferenciador e importante para o doente. Nós somos muitas vezes a primeira linha de apoio ao doente. As farmácias, uma verdadeira porta do SNS. A falta que fariam se um dia por qualquer motivo a sua natureza fosse desvirtuada!”



## Florbela Braga

“Enquanto farmacêutica hospitalar, creio que terei um contributo a prestar num domínio muito importante para o exercício dos meus colegas: a formação. O farmacêutico é um profissional da saúde cujo bom exercício depende da realização de formação contínua. Temos áreas em plena expansão, como a oncológica ou a dos ensaios clínicos, em que a atualização do farmacêutico é indispensável. A este nível, estou satisfeita com o que foi feito, mas creio que podemos aprofundar determinados temas num segundo mandato, assegurado por uma equipa muito coesa, que já se conhece bem e, a partir daqui, poderemos explicar toda a nossa atividade em prol do farmacêutico. É para isso que estamos cá.

ações que fiquem delimitadas aos três próximos anos. Vivemos a comunidade farmacêutica e a sua Ordem focados na Saúde em Portugal, e zelaremos para que o que de melhor fizemos se reflita muito para além deste mandato, o que sucedeu no passado com o novo edifício sede. Um caminho que necessita imperiosamente de ser continuado, com persistência e sintonia de atuação, de modo a permitir que todos juntos, possamos obter cada vez mais e melhores resultados.

**Sendo evidente que a principal missão e função da Ordem se prende com a regulação, por que insiste tanto na aposta em domínios como a cultura, a abertura da instituição à sociedade civil, as relações internacionais particularmente com os PALOP, uma oferta muito consistente ao nível da formação?**

Nós somos muito mais do que farmacêuticos... temos uma formação académica universitária, temos um passado que nos responsabiliza e não podemos dedicarmo-nos a ser apenas farmacêuticos. Se recuarmos na história, percebemos que os grandes sábios e grandes homens acumulavam uma sapiência multidisciplinar e eram díspares no que faziam. Quem é bom apenas num domínio serve para pouco e o que fazemos constitui um exemplo que damos. Enquanto farmacêuticos e académicos, temos deveres a cumprir com a sociedade que vão além do exercício da profissão. Acredito que a cultura anda de mãos dadas com a qualidade e o bom exercício profissional. Temos de entender o mundo e, para tal, temos que sair das nossas “paredes”, fazer, mostrar e partilhar o muito que aprendemos à custa do que está à nossa volta. A definição de saúde, para a OMS, também passa pelo bem-estar social, económico e por todos os seus contextos... Também por tudo isto sentimos a necessidade de ultrapassar fronteiras... Porquê os PALOP em particular? Partimos do princípio base de que eles são senhores de si mesmos, donos das suas vontades e que não devemos imiscuir-nos no seu destino, a menos que, como por vezes tem sucedido, nos solicitem colaboração e sintamos que podemos usar a nossa experiência para contribuir para o seu desenvolvimento. Na realidade, são países novos, com pouca experiência nas nossas áreas e sentimos que, se nos pedirem, lhes podemos oferecer muito. Temos tido relações muito privilegiadas com os PALOP, nomeadamente com Cabo Verde, Moçambique e Brasil, muito alicerçadas em contactos pessoais, em boas amizades que construímos, em competência e tudo isso favorece este clima de apoio e de intercâmbio sempre que nos solicitam. Hoje somos muito mais solicitados e referenciados enquanto Ordem e farmacêuticos, quer a nível local, nacional ou internacional. Mas esta caminhada que necessita de ser continuada, para que, todos juntos, possamos obter cada vez mais e melhores resultados. O percurso histórico da Secção Regional do Norte tem sido um exemplo referencial de compromisso e de empenhamento do farmacêutico na cidadania. Acredito que a minha experiência de Ordem, aliada a ideias bem claras e definidas quanto ao desempenho e desenvolvimento da atividade profissional, constituem razões que justificam dar continuidade ao trabalho até agora desenvolvido. O melhor ainda está para vir e, juntos, faremos mais.

**Encontra algum fator de diferenciação entre os farmacêuticos do Norte do país, que o elegeram pela segunda vez, e os restantes farmacêuticos do país?**

Confesso que não costumo ser regionalista nesse sentido, embora reconheça nos farmacêuticos do Norte um maior envolvimento, uma maior convicção, uma maior emotividade, mas ao mesmo tempo uma maior assertividade, na defesa de causas e de valores. Todos somos bons e úteis... o que noto é que o Norte tem sido uma região mais desfavorecida, algo particularmente



notório quando observamos que a maioria das farmácias que passam por um período de dificuldade se situam a Norte. Cerca de 25% estão em situação de insolvência ou em dificuldades financeiras significativas, sendo que grande parte se situa em Trás-os-Montes, zonas despovoadas e envelhecidas, sendo que as quebras que estas farmácias sentiram não lhes permite fazer face aos custos correntes. Imagine-se o que significará a deslocação destas farmácias para as populações locais... Quando distingo a realidade Norte e Sul, não me refiro a qualidade ou competências, que são idênticas, a formação académica também é similar, mas, na verdade, as condições de trabalho são muito diferentes e pior remunerados, assimetrias que de todo me parecem injustas.

**O Norte não começa a ficar pequeno demais para um académico de referência e para um presidente da SRNOF consolidado?**

Não! Cada coisa no seu tempo... Hoje, sinto-me muito bem aqui e não tenho ainda ideia do que será o meu futuro. Ortega e Gasset dizia que nós somos fruto das nossas circunstâncias e como tal o meu futuro estará

dependente das minhas circunstâncias e da maneira em como eu a cada momento as decidir interpretar e valorizar

**Que Ordem gostaria de ver daqui a três anos, horizonte temporal em que termina o atual exercício?**

Gostaria de ver uma Ordem que não precisasse de pugnar pela integração dos farmacêuticos nos centros de saúde, nas estruturas residenciais para idosos, nas unidades de cuidados continuados, nos cuidados paliativos, que a exemplo do que já acontece em diversos países europeus, já fosse assumida como natural a presença do farmacêutico em diversas áreas da saúde, que a farmácia seja cada vez mais reconhecida como um lugar de prestação de cuidados de qualidade e numa mais profunda ligação com outras instituições de saúde; gostava de ver um modelo eficaz de consulta e de prescrição farmacêutica implementado, gostava de ver com maior frequência o farmacêutico junto do doente e do clínico nas enfermarias dos hospitais ... Desperdiçar uma formação académica como a que temos e as nossas competências é um erro para o país.



## João Carmo

“Tal como os restantes membros da atual Direção, dei o meu contributo e estive presente no anterior mandato na Secção Regional Norte. Considero que o desafio que me foi colocado pelo Professor Doutor Franklin Marques, para além de muito me honrar, mais do que uma continuidade, é sobretudo um trabalho de confirmação e conclusão de um projeto muito bonito e que em muito dignifica os farmacêuticos do Norte do país. Sinto uma enorme vontade de acompanhar o Professor e restante equipa na consolidação de um trabalho que passou pela edificação de uma nova sede, mas também pela defesa da profissão e realização de formação contínua de elevada qualidade para todos os colegas.

Os elementos que compõem a direção da Secção Norte são, sobretudo, uma equipa. Funciona como tal, sob a orientação de um treinador, que é o seu presidente. Os ramos de atividade onde exercemos são diversos, representando de forma muito significativa e abrangente os colegas aqui inscritos. Arrisco-me a dizer que o produto final do conjunto destes elementos é superior à soma dos seus contributos individuais. Ainda assim, e respondendo de forma mais concreta à questão, tenho projetos que derivam da minha experiência profissional enquanto farmacêutico militar, que esperamos em conjunto vir a concretizar neste triénio, sobretudo na área da formação.

Ao longo da minha carreira, tive já oportunidade de assistir a avanços e recuos em diferentes vertentes da atividade farmacêutica. Vi a farmácia hospitalar emergir técnica e cientificamente de um marasmo de muitos anos, o seu retrocesso em termos de carreira e, novamente, o seu ressurgimento. A farmácia de oficina, por seu lado, sofreu e sofre de um progressivo aumento de dificuldades no que concerne à sua sustentabilidade económica. É urgente promover um debate profundo sobre um novo modelo do seu financiamento. A metodologia atual, baseada numa margem comercial sobre o produto dispensado, para além de tornar as farmácias altamente vulneráveis a flutuações de preços, não valoriza de todo o acto farmacêutico. Também as análises clínicas são de forma permanente ameaçadas pela internalização dos serviços que prestam... Para além disto, apesar do discurso dos diferentes atores da área da saúde ser de complementaridade e cooperação, na prática isso não acontece. Existe um permanente ambiente de competição por áreas de atuação com prejuízo claro para o doente e para a sustentabilidade do sistema de saúde nacional. A cooperação entre médicos, farmacêuticos, enfermeiros e técnicos de diagnóstico e terapêutica não pode ficar pelos discursos oficiais. Tem que ser uma realidade com cedências de todas as partes que permitam aumentar os ganhos em saúde. Do panorama atual que conta com profissionais de saúde cada vez mais diferenciados, surgem oportunidades para os farmacêuticos se dedicarem também eles a áreas mais específicas que fazem parte do seu núcleo duro de conhecimento. Refiro-me, nomeadamente e por exemplo, ao acompanhamento farmacoterapêutico dos doentes, à consulta ou prescrição farmacêutica”.



# FAVAÍTO

## NA VOLTA É SEMPRE O BONITO

www.adegadefavaios.pt



## Favaios dá-lhe a Volta...

Desde 1952, data em que foi criada, a Adega Cooperativa de Favaios fez um caminho em simbiose com o consumidor, disponibilizando o que de melhor se extrai das uvas dos seus associados. E o consumidor pode usufruir, em momentos de mais intimismo ou de exuberância, do genuíno e autêntico produto natural.

O Favaíto, produto afamado e estrela da Adega de Favaios, não está só neste seu regresso à Volta a Portugal pois terá a companhia, com a mesma chancela de qualidade, dos vinhos branco e tinto Casa Velha.

Ao longo da nossa história, fomos procurando uma relação de fidelização com quem usufrui dos nossos néctares, não criando clientes mas sim uma legião de fans. Os nossos fans fazem tudo para ter os nossos produtos, não se deixando enganar pelo que não é natural e genuíno.

Natural e genuíno e partilhado por nós, é a passagem com a Volta a Portugal pelo país profundo, esquecido durante largos dias do ano e só lembrado e empolgado com a passagem de toda a paleta de cores que vestem os bravos guerreiros deste grande pelotão.

É sem dúvida um palco de excelência para a divulgação da marca e proximidade com os consumidores, uma grande festa, a festa rainha do Verão, que vai passar pela casa dos Portugueses de 31 de julho a 11 de agosto. Viseu, Miranda do Corvo, castelo Branco, Guarda, Covilhã, Torre de Moncorvo, Bragança, Montalegre, Viana do Castelo, entre outras, motivos mais que suficientes para acarinharmos os nossos consumidores e fans da marca Favaios.

Em todos os momentos de chegadas da Volta temos um Bus Favaíto/ Casa Velha, com brindes, animação e, claro, muitos Favaítos, momentos de interação com os consumidores, muitos deles em férias, em família, de regresso a Portugal, em festas e romarias... Para todos eles, Favaios será uma presença constante.

## CASA VELHA

na volta...  
os melhores vinhos.

www.adegadefavaios.pt



## Das “Terras do Demo” à capital – “Falar Aquilino” é o mote

**S**e Aquilino Ribeiro não tem data marcada durante os doze meses do ano, para se ler e dele se falar, é, porém, consensual que, a nível de homenagens, os seus cultores, privilegiavam os meses de Setembro, do seu nascimento, em 1885 e Maio, da sua morte, em 1963.

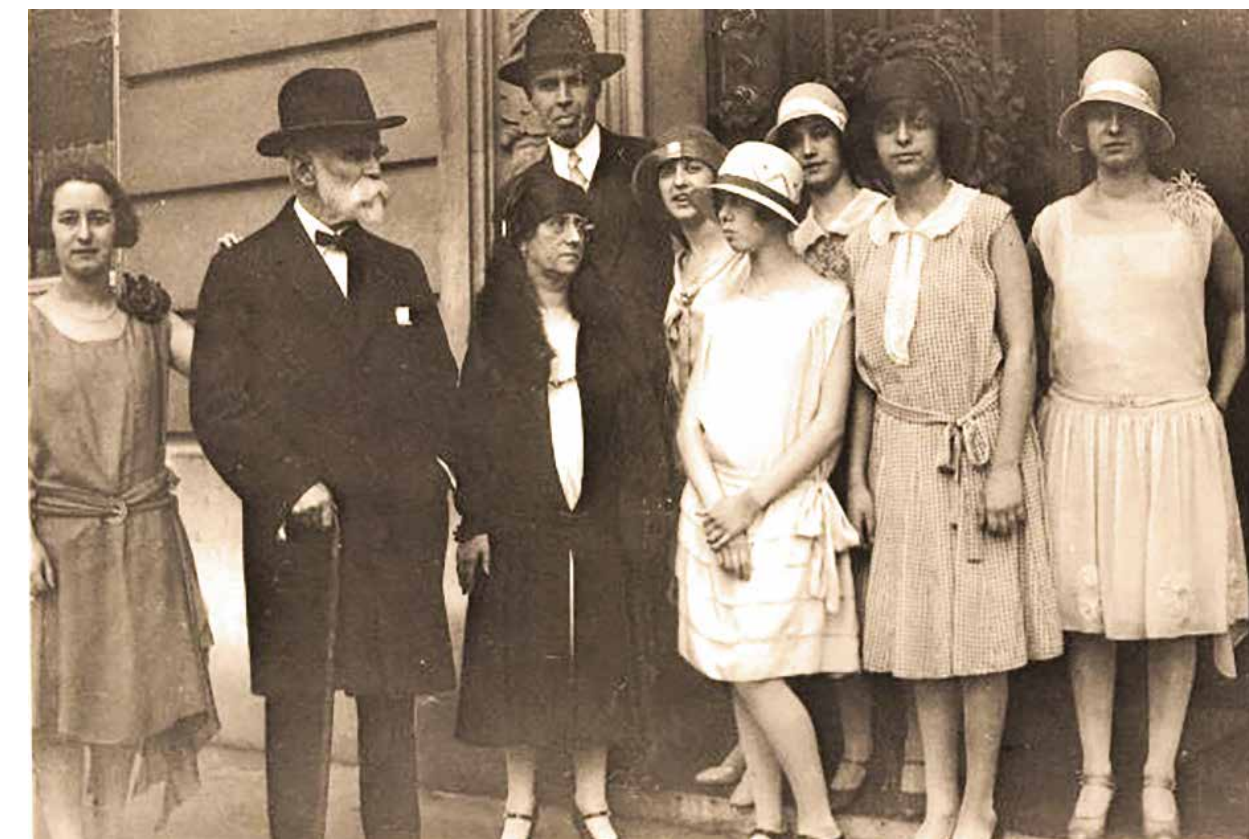
Maio de 2019 trouxe acrescidos motivos para todo um conjunto de iniciativas em torno da efeméride do centenário da obra “Terras do Demo” (1919/2019).

É frequente recorrermos ao seu prefácio, dedicado a Carlos Malheiro Dias, onde Aquilino explica o título: “teve em mira este trabalho pintar dessas aldeias montesinhas que moram nos picotos da Beira, olham a Estrela, o Carramulo, a cernelha do Douro e, a norte lhes parece gamela emborcada o Monte-Marão. O vale, que as explora, trata-as despicientemente por Terras do Demo. Sem dúvida, nunca Cristo ali rompeu as sandálias, passou el-rei a caçar ou os apóstolos da Igualdade em propaganda. Bárbaras e agrestes, mercê apenas do seu individualismo se têm mantido, sem perdas nem lucros, à margem da civilização.”

A elas se acrescem estas palavras dirigidas ao seu amigo, o cônego Manuel Fonseca da Gama, autor de “Terras do Alto Paiva”, por Aquilino escritas em 1940 e “Em guisa de prólogo”:

“A serra é agreste, primitiva, mas tem carácter, sem dúvida. Comprazes-te em pintar-lhe as virtudes e encantos sem sombras, e não serei eu que te acoime de parcial. As tintas escuras são para o novelista e tens razão. Decerto que eu, ao chamar-lhes Terras do Demo, não quis designá-las por terras do pecado, porque o pecado seja ali mais grado ou revista aspecto social que não tenha algures. Nada disso. A Serra é portuguesa no bem e no mal. Chamei-lhe assim porque a vida ali é dura, porbrinha, castigada pelo meio natural, sobrecarregada pelo fisco mercê de antigos e inconsiderados erros e abusos, porque em poucas terras como esta é sensível o fadário da existência. Só por isto.”

Hoje, 100 anos volvidos, as Terras do Demo são consensualmente o território que integra três concelhos: Sernancelhe, Carregal, onde Aquilino nasceu, Vila Nova de Paiva, Alhais, onde foi registado e Moimenta da Beira, Soutosa, onde, em casa herdada de seu pai, até ao fim da vida, passou alguns tempos difíceis, em fuga dos esbirros da ditadura militar e os tempos maioritariamente aprazíveis, no remanso de estios concedidos ao descanso da capital, a escrever, a caçar e a receber tantos dos seus amigos e admiradores.



Este título é hoje assumido pelos três referidos municípios como um elo uniente que lhes concedeu uma identidade própria, no respeito pelas singularidades de cada um, e que, em torno da FAR, Fundação Aquilino Ribeiro, estatutariamente pertença de Sernancelhe, Moimenta da Beira e Vila Nova de Paiva, tem permitido – e espera-se que no futuro mais iniciativas dinamize – potenciar e difundir o Mestre e a sua obra, tornando-se actualmente uma marca que, muito afastada das suas primícias menos positivas, se guindou a um cunho identitário comum a estes territórios estendidos desde o planalto da Nave ao da Lapa, onde nasce e corre bonançoso o rio Vouga,

coleante, puro e fresco, até se dar ao vale da Fraga, na sua corrida para o mar.

Dos Soutos da Lapa com seus frondosos castanheiros e o seu fruto, a famosa e formosa martainha, até ao Santuário da Lapa com seu turismo religioso, passando pelos espumantes da Cooperativa do Távora, “Terras do Demo”, que tantas medalhas têm conquistado, até aos Fumeiros do Demo que não deixam créditos por mãos alheias, Aquilino deu a estas terras, outrora “bárbaras e agrestes”, a sua solidária mão no imenso contributo para o seu reconhecimento, facto ao qual, os três concelhos, reconhecidos, senhores de beiroa gratidão, retri-





buem com eventos plurais que mantêm viva esta chama e reedições diversas de títulos, sempre com a Bertrand Editora, como foi já o caso de “Cinco Reis de Gente”, co-editada com Sernancelhe e a rasgar o caminho para “O Homem da Nave”, com Moimenta da Beira, “O Malhadinhas”, com Vila Nova de Paiva e este 11 de Maio com a apresentação da reedição de “Terras do Demo”, sob a égide congregadora da Fundação Aquilino Ribeiro.

Mas a “capital”, terra onde Aquilino passou a maior parte de sua existência, não foi alheia a este centenário e pela mão de José António Borges, presidente da Junta de Freguesia de Alvalade, da Bertrand pela actividade do seu director editorial, Eduardo Boavida, e a família do escritor, por força de seu neto Aquilino Machado, “falaram Aquilino” por Lisboa afora, desde a Biblioteca Nacional, ao Museu da Cidade, à Feira do Livro e por toda a freguesia de Alvalade, em conjunto com Carlos Silva Santiago, José Eduardo Ferreira e José Morgado, respectivamente os edis de Sernancelhe, Moimenta da Beira e Vila Nova de Paiva.

Muito mais há a fazer e para já, se a 1 e 2 de Junho decorreu a Feira Aquiliniã da Lapa, uma iniciativa de Sernancelhe, a 14 envolveu-se a Universidade de Aveiro com os citados municípios, numa exposição da obra integral do autor, subordinada ao tema “Aquilino no Campo de Santiago”, dinamizada por Maria Eugénia Pereira, do DLC e Paulo Neto, director da revista literária “aquilino”, que cedeu o seu espólio pessoal para o efeito.

O mês de Setembro encerrará este vasto ciclo de actividades com um Colóquio Aquiliniã que reunirá estudiosos das várias academias portuguesas e reconhecidos políticos nacionais que, a partir de “Terras do Demo”, discutirão assuntos da actualidade nacional.

Lembramos que após uma vida inteira de luta pelos ideais fraternos, democráticos e libertários, com duas prisões à mistura, na esquadra do Caminho Novo, em Lisboa e no Presídio do Fontelo, em Viseu, um baptismo de fogo com ferimento de bala (Junho de 1907, durante uma manifestação no Rossio), três longos exílios em França com mais de uma década e ainda tendo sido constituído arguido por ofensas à PIDE e à Justiça, em 1958, já próximo do final de sua vida, Aquilino, a quem não foi dado ver a Liberdade pela qual sempre empenhadamente lutou, finalmente, a 19 de Setembro de 2007, a Assembleia da República, o Governo e o Presidente da República outorgaram-lhe tardia justiça, ao decretar a trasladação do seu corpo para o Panteão Nacional, onde jazem aqueles que pela grandeza de suas obras e vidas se perpetuaram para além da morte e da debilidade da memória humana.

Quase 12 anos após esta homenagem, estarmos aqui a “falar Aquilino” é a certeza de que a sua obra literária não se anacronizou, mas é também a presciência de que a sua irrefragável coerência e coesão, na ideologia libertária e democrática que sempre norteou seus actos e na sua modelar e sacrificada existência, dele fazem um vivíssimo exemplo de carácter, rectidão, princípios, lealdade e... extraordinário vitalismo literário.

**Paulo Neto**  
Director da revista literária “aquilino”

*No ano em que a obra “Terras do Demo”, de Aquilino Ribeiro, faz 100 anos, os municípios de Moimenta da Beira, Sernancelhe e Vila Nova de Paiva juntaram-se à Bertrand Editora e reeditaram a obra, que recupera para a capa a pintura de Abel Manta. A apresentação decorreu em maio, na Fundação Aquilino Ribeiro, em Soutosa, Moimenta da Beira, e marcou o arranque do programa comemorativo do centenário do livro. Durante os meses de maio e junho foi cumprido um programa de iniciativas, que se iniciou nas “Terras do Demo” e se prolongou por Lisboa e Aveiro. Este projeto de colaboração entre os três municípios e a Bertrand Editora, que já permitiu, nos últimos anos, a reedição de obras de Aquilino Ribeiro como “Cinco Reis de Gente”, “O Homem da Nave” e “Malhadinhas”, concretiza agora mais um momento histórico de valorização e promoção da obra literária do Mestre das letras portuguesas, com a reedição de “Terras do Demo”.*

*Na casa do escritor, na Fundação Aquilino Ribeiro, a apresentação da reedição teve como protagonistas João Soares, ex-ministro da Cultura, Ana Isabel Queiroz, professora da Universidade de Lisboa e investigadora do Instituto de História Contemporânea, que prefaciou esta edição de “Terras do Demo”, Aquilino Machado, neto do escritor, Eduardo Boavida, diretor da Bertrand Editora e os três presidentes das autarquias, José Eduardo Ferreira (Moimenta da Beira), Carlos Silva Santiago (Sernancelhe) e José Morgado (Vila Nova de Paiva). Reproduzimos o discurso proferido pelo autarca de Sernancelhe, Carlos Silva Santiago durante esta sessão...*



**Carlos Silva Santiago,**  
Presidente da C.M. Sernancelhe

“Gostaria de dar nota do que representa, no interior mais profundo de Portugal, a apresentação de um livro... Provavelmente, em nenhuma região do país, fora do interior, haveria tanta gente, o que é notável! Esta dimensão que estes três municípios encontraram, e muito bem, na culta e na educação, são pilares fundamentais para se poderem afirmar e saírem do anonimato. Nada melhor do que nos podermos servir de algo tão importante como a literatura para podermos ser diferentes e estar à altura daqueles que já são um pouco mais altos do que nós. Algo que faço na vida é comparar-me sempre com os mais fortes, para poder crescer e acho que é isso que estamos hoje a fazer... e estamos ao nível deles, o que é visível na mobilização que se conseguiu em volta de um livro que se eternizou e nos colocou no mapa há 100 anos a esta parte. É este o interior do país. É desta forma que combatemos as assimetrias e com esta gente que combatemos um pouco da nossa solidão e falta de solidariedade. Se há 100 anos atrás, as ditas Terras do Demo eram as terras difíceis, frias, áridas, onde quase nada existia ou chegava, havia a palavra, a família, o compromisso... Estávamos 50 anos atrasados em relação à metrópole e, volvidos 100 anos desta grande obra que Aquilino quis

eternizar, chamando à atenção da metrópole, estamos diferentes, mais evoluídos mas, se atendermos à época em que estamos, infelizmente, não 50 mas 100 os anos que temos hoje em relação a Lisboa. Esta é a tristeza a que o interior foi votado mas, felizmente, o caminho faz-se caminhando e vamos tentando, com um conjunto de ações culturais, inverter este ciclo, com a educação, a cultura e o desporto, mais do que o cimento, três pilares fundamentais para nos irmos afirmando ao longo destes últimos anos. As três câmaras iniciaram um trabalho espontâneo, que nasceu de baixo para cima; fomos nós que desafiámos a Bertrand para a reedição do Cinco Reis de Gente, do Homem da Nave e do Malhadinhas, bem para estarmos aqui para a reedição de um livro que tem 100 anos. Quem tem a oportunidade de comemorar 100 anos de algo? Hoje, assistimos ao crescimento de produtos que resulta ad agregação a uma marca forte. Hoje, Terras do Demo é uma marca, que Aquilino deixou no território e que tão bem temos sabido aproveitar para valorizar os nossos produtos endógenos, fazer crescer a nossa economia e, com isso, manter o interior vivo e revitalizado. O mais importante não é o relançamento do livro ou a festa que estamos a fazer mas pegar neste livro e lê-lo

Fundação Denise Lester - Queen Elizabeth's School

# Uma escola de valores

Fundada em 1935 por Miss Denise Lester, a Queen Elizabeth's School é uma das mais prestigiadas e inovadoras instituições nacionais na área do ensino e formação. Volvidos 83 anos sobre a constituição da Queen Elizabeth's School, e com a instituição da Fundação Denise Lester, em 1965 para assegurar a continuidade desta escola e do seu projeto educativo, Denise Lester continua a ser uma figura de referência na vida desta instituição. As qualidades pessoais, a sua ação pedagógica e altruísmo, foram dignas do merecimento de distinções do presidente da República Portuguesa da altura, Américo Thomaz, e de Sua Majestade, a Rainha Isabel II, assim como continua a ser alvo de uma grande veneração por parte dos administradores da Fundação Denise Lester, entre as quais destacamos Conceição Oliveira Martins, a atual Presidente do Conselho de Administração.

Fiel seguidora do ideário de Miss Lester, Conceição Oliveira Martins abre-nos as portas a esta instituição, e as suas primeiras palavras são de homenagem a parceiros que descreve como uma família nesta caminhada rumo à excelência: “Quero deixar uma palavra de agradecimento a todos os membros do Conselho de Administração, Direção, Corpo Docente e Não Docente, que têm trabalhado de corpo e alma para cumprir os princípios e ideais educativos da Fundadora desta Escola”. “Na escolha dos administradores, professores e demais colaboradores, procuramos pessoas que tenham algum tipo de ligação com esta escola, dando obviamente preferência aos antigos alunos e demais pessoas que conhecem a nossa instituição e se identificam com a sua cultura. Em suma, gostamos de criar, preservar e cultivar



laços de amizade com a comunidade educativa da Queen Elizabeth's School.” “Algo que será particularmente gratificante no próximo ano letivo é sabermos que teremos como alunas as trisnetas do casal amigo de Miss Lester, Fortunato e Sofia Abecassis, que cederam uma sala e jardim de sua casa na Rua Silva Carvalho, onde esta escola iniciou as suas atividades em 1936... É com grande contentamento que constatamos a existência de uma ligação afetiva de alguns membros de famílias amigas de Miss Lester e um sentimento de pertença a esta casa, que se regozija por acolher e reconhecer todos os benfeitores

que a ajudaram a crescer e que apoiaram a sua Fundadora na realização deste grande sonho! Temos bisavós que foram alunas e mães de alunos do colégio e que, hoje, vêm cá buscar os bisnetos ao berçário e à creche...” A ação educativa da Queen Elizabeth's School centra-se numa boa formação de carácter humanista, respeitando a individualidade do aluno e potenciando o seu desenvolvimento. A educação para os valores e a defesa dos direitos humanos fazem parte integrante do projeto educativo desta Escola, que elege como objetivo primordial preparar os seus alunos para o exercício de uma cidadania ativa e responsável, numa sociedade cada vez mais global. Como salienta Conceição Oliveira Martins, “damos muita importância a que os alunos sintam na escola um ambiente familiar que as toque e as faça sentir felizes, apoiadas e acarinhadas. Pretendemos que sintam o processo de ensino-aprendizagem como uma descoberta e que apliquem os conteúdos curriculares apreendidos ao longo da vida. O papel da escola é acompanhar este processo educativo, numa perspectiva holística de desenvolvimento integral da criança. “Quando detetamos uma especial vocação, incentivamos o desenvolvimento de competências nessa área. Por outro lado, relativamente aos estudantes que sintam algum tipo de dificuldade na realização de determinadas tarefas escolares, procuramos ajudá-los a que ultrapassem esses obstáculos com medidas educativas de apoio”.

O Projeto Educativo da Queen Elizabeth's School assenta no estreitamento dos laços históricos, culturais e atlânticos entre Portugal e o Reino Unido, mantendo o culto da aliança mais antiga do mundo e o ensino precoce do inglês como segunda língua em contexto bilingue. Esta Escola foi concebida de raiz como uma escola inglesa para crianças portuguesas cujos pais ou encarregados de educação pretendam uma educação inglesa coextensiva com a portuguesa nas valências de Berçário, Creche, Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, procurando sempre acompanhar os programas de ensino vigentes em instituições de ensino britânicas e internacionais do mesmo nível etário. A escola tem o estatuto de Cambridge Primary School e Cambridge International School do Programa Internacional de Educação Primária da Universidade de Cambridge e de Centro de Preparação de Exames da Cambridge English, além de ser Centro de Exames do Trinity College London e membro do Instituto Britânico no Programa de Parceria de Exames denominado Addvantage.

A Queen Elizabeth's School oferece atualmente as valências de berçário e creche, uma turma para alunos com menos de um ano de idade e outra para um ano de idade, e duas turmas para cada uma das seguintes idades: alunos com dois, três, quatro e cinco anos. No primeiro ciclo do ensino básico, a escola tem duas turmas de primeiro ano, três de segundo, três de terceiro e duas do quarto ano de escolaridade.

O carácter multicultural é também uma marca desta escola, onde convivem crianças de várias nacionalidades. “Numa altura em que se constata uma especial preocupação para se educarem crianças para serem cidadãos do mundo, esta experiência revela-se extremamente positiva. É benéfico e enriquecedor para as crianças saberem que existem outras realidades sociais, culturais e religiosas, assim como é gratificante para os pais saberem que os filhos vivem numa escola inclusiva e aberta ao exterior, que os prepara para os desafios da sociedade do conhecimento”.

## Memórias da fundadora, Miss Denise Lester

Nunca é demais falarmos das pessoas de referência da nossa infância que nos marcaram no nosso percurso educativo, no meu caso além dos meus Pais, a Fundadora desta Escola, onde o meu Pai foi antigo aluno, tal como eu. Em concreto, no testemunho de enorme admiração, estima e respeito que o meu Pai sempre nutriu e me incutiu por Denise Lester como seu aluno e sucessor na presidência da Fundação que esta instituiu para dar continuidade à sua obra. Testemunho esse que partilho e subscrevo pelas memórias que guardo da minha vivência escolar na Queen Elizabeth's School.

Miss Denise Lester contaria hoje a idade de 110 anos. Teve uma infância bastante atribulada, devido ao facto de a sua mãe ter tido um problema grave de saúde quando ainda era nova e de o mesmo se ter vindo a agravar, tendo sido educada numa escola interna em Oxford desde os seus cinco anos até acabar o liceu. Tinha dois irmãos, sendo a filha do meio, e ao longo de toda a sua educação sempre contou com o apoio de uma das avós que a incentivou nos estudos, levando-a a empenhar-se e a tirar boas notas, dando sempre o seu melhor, de acordo com o lema da escola, “Do what you do well”. Ao contrário de seu Pai, que não dava grande importância a esse assunto, por considerar que as meninas se deveriam dedicar às lides domésticas tal como era habitual naquela época. Frequentou a escola católica interna do convento de Our Lady's Abingdon, em Oxfordshire, criada em 1860, pela Ordem das “Sisters of Mercy”, cuja missão era educar crianças de famílias católicas e crianças de famílias com parcos recursos financeiros, independentemente da religião que professassem. Este convento foi fundado pela Irmã Marie Clare Moore, uma das co-fundadoras da Ordem Religiosa Católica supramencionada, a qual trabalhou como enfermeira das tropas



britânicas na Guerra da Crimeia, entre 1854-1956, sob a superintendência de Florence Nightingale, fundadora da primeira escola de enfermagem do mundo, depois de ter regressado ao Reino Unido em 1857 e de ter sido condecorada pela Rainha Vitória. Denise Lester foi sempre uma católica convicta, apesar de o seu Pai professar a religião anglicana e os irmãos terem seguido a tradi-



ção familiar paterna, enquanto, no seu caso, por ser do género feminino, a família entendeu dever adotar a religião da mãe, que tinha ascendência irlandesa e era católica. Veio, contudo, em adulta, a confirmar esta sua opção religiosa. Apesar da Queen Elizabeth's School ser uma escola católica, pauta-se por ideais de humanismo cristão e princípios morais universais, por isso sempre teve alunos de vários credos ou sem professarem qualquer religião. Denise Lester tinha uma força interior muito grande que advinha da sua imensa fé, personalidade, visão e dinamismo, apesar da grave doença do foro circulatório de que sofria. A Fundadora da Queen Elizabeth's School sempre foi uma grande defensora da aliança luso-britânica e uma apaixonada pela história destes dois países, com os quais sempre manteve uma estreita ligação. Foi sempre uma lutadora incansável, pelos ideais em que acreditava, dedicando-se a várias causas humanitárias, tendo por isso

o seu mérito vindo a ser reconhecido pelas entidades oficiais e sociedade civil dos dois países de que sempre tanto gostou e a fundação que instituiu ter como principal propósito o estreitamento dos laços luso-britânicos, através da preservação da Queen Elizabeth's School como uma escola portuguesa de ensino bilingue, em que os dois sistemas educativos coexistem, assim como a história e cultura dos dois países de navegadores e conquistadores, de que tanto se orgulhava. O espírito guidista esteve muito presente na vida de Denise Lester, como Fundadora que foi do movimento das guias no Funchal e, mais tarde, como Secretária do Comité Internacional do Escotismo. Sempre foi apologeta da vida ao ar livre e de passeios pela natureza, do trabalho em equipa, dos jogos educativos, dos jogos tradicionais, do aprumo e cuidado na apresentação, entusiasta do desporto, especialmente do ténis e natação, que praticou enquanto a sua condição física o permitiu, da educação física e da ginástica, das artes visuais e manuais, das artes performativas e expressão dramática, da educação musical e aprendizagem de um instrumento, das visitas

de estudo para conhecimento do património cultural e histórico do povo de um país. Sempre se preocupou em dar uma boa formação de carácter aos seus alunos, envolvendo-os em projetos de solidariedade social com crianças doentes, carenciadas, pessoas idosas e portadoras de algum tipo de incapacidade, como era o seu caso, que em 1965 teve que amputar ambos os membros inferiores, vítima de uma doença prolongada do foro circulatório. Denise Lester foi para mim um exemplo de vida, do que é capaz uma vontade forte, como a definiu Lady Olive Baden-Powell aquando da sua visita à Madeira, nos anos 30, no número de Novembro da revista “The Guider”, órgão oficioso daquela associação, depois honrar o zelo de Miss Lester, que chefiava o núcleo feminino da Madeira, escreve Lady Baden-Powell: “Aquilo que observei do nosso movimento na Madeira é o extraordinário exemplo do que pode uma vontade forte”.

Maria da Conceição Oliveira Martins





# UM COLÉGIO PARA A EUROPA

*Em 2018, o St. Peter's International School celebrou 25 anos de existência. O sucesso do projeto está sustentado na excelência da sua oferta educativa, que continua a ser diversa e a cativar todos aqueles que pretendem participar de um inovador projeto socioeducativo e ser plenos cidadãos do mundo.*

## 25 ANOS A EDUCAR

Em 1993, o St. Peter's International School nasceu para oferecer um ensino de excelência e sustentado por uma visão humanista do distrito de Setúbal. No ano de 2018, a celebração dos 25 anos do projeto sediado em Palmela foi um marco festejado já a pensar no futuro, pois a comemoração não se susteve apenas no passado e no presente. De facto, o St. Peter's International School sonha o amanhã, oferecendo a todos os alunos e famílias um projeto que se renova continuamente, acompanhando as evoluções sociais e tecnológicas do mundo.

O projeto do St. Peter's International School está consolidado com resultados nas mais diversas áreas

escolares e não se esgota unicamente nas fronteiras físicas do espaço que ocupa. De facto, a instituição é ambivalente e pretende formar cidadãos para o mundo, promovendo atividades que possibilitam a vivência da Europa e do mundo no próprio espaço escolar.

O surgimento da missão educativa do St. Peter's International School afirmou-se a partir de um fim socioeducativo amplo no ensino e na formação social e cívica. Realmente, a educação dos seus alunos visa a formação integral num ecletismo e num multilinguismo, pois oferece a cada um dos intervenientes os devidos instrumentos para acompanhar as velozes e constantes transformações



## A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS

Os primórdios culturais da Europa foram construídos com os antigos impérios grego e romano. A aprendizagem de línguas clássicas, como o Latim, fundamentais para o entendimento das línguas modernas e para a compreensão da identidade cultural que anima a Europa, é muito importante. Assim, o St. Peter's International School com foco nos Estudos Clássicos oferece aos alunos a aprendizagem do Latim desde o Primeiro Ciclo e atividades

complementares relacionadas com a Antiguidade Clássica, como o Clube de Grego, para a aprendizagem do grego clássico, e o Clube Perseu, para o conhecimento da mitologia greco-romana.

No Ensino Secundário, os alunos de todas as áreas frequentam a disciplina de Estudos Clássicos, onde têm acesso a textos fundacionais e a autores como Homero, Sófocles, Cícero, Séneca, entre outros.



## SUMMER COURSES

A aprendizagem de línguas estrangeiras é um compromisso do St. Peter's International School com todos os seus alunos desde o Jardim de Infância, já que o ensino é bilingue desde o início. Ao longo de todo o ano letivo, os alunos podem frequentar aulas para tirarem certificações creditadas em línguas como Inglês, Alemão, Espanhol, Mandarim e Latim. Além disso, a aprendizagem das línguas estrangeiras e clássicas é uma constante no currículo. Os alunos podem frequentar Summer Courses, em países como Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos da América, que permitem uma total imersão nas línguas.

Num dos mais modernos e conceituados colégios privados de Portugal, os alunos têm a oportunidade de escolher entre um currículo nacional e um currículo internacional, com a segunda opção a partir do 9.º ano de escolaridade. Em qualquer das valências, o fim da missão educativa do St. Peter's International School está resumido na sua divisa, Fons Sapientiae (Fonte de Sabedoria): formar Homens sábios. A par dessa sabedoria, está a formação de Homens íntegros. A essa missão, associa-se a educação para os valores afetivos e artísticos, que são também criadores de alunos conscientes e aptos a transformar o mundo.



## A EUROPA AQUI

No passado dia 9 de maio, celebrou-se o Dia da Europa e num mundo globalizado onde é cada vez mais importante saber lidar com as diferenças e aceitar o outro, o St. Peter's International School promove atividades que levem a comunidade educativa a considerar outras formas de estar e de ver o mundo. Assim, a Direção, consciente da importância da uma visão globalizante, que leve à integração das diversas culturas, sem anular as diferenças culturais, abriu desde a sua fundação a possibilidade de integrar, nos seus quadros, cidadãos dos quatro cantos do mundo. Desta forma, o ambiente internacional é vivido não só entre os alunos, mas também na classe docente e entre os funcionários que desempenham as mais diversas tarefas.

Cerca de duas dezenas de nacionalidades convivem comumente no espaço físico do colégio, proporcionando um verdadeiro ambiente internacional que leva os alunos a conviver com diversas línguas, hábitos e culturas diferentes e formas divergentes de ver e lidar com o mundo. Assim, um aluno St. Peter's é alguém para quem as

diferenças não são um obstáculo, mas uma mais-valia, uma vez que esta é a sua realidade, desde muito cedo.

Essa realidade é crucial para dotar os nossos jovens de uma capacidade integradora e consciente de que o mundo é constituído por realidades diversas, muitas vezes antagónicas, mas que podem e devem conviver em sintonia, respeitando o direito à individualidade de cada um e à sua cultura familiar. Deste modo, os alunos St. Peter's estão preparados para viver e trabalhar num ambiente europeu ou mundial, sem dificuldades de integração.

A Direção acredita nesta visão humanista e europeísta, na qual todos temos lugar no mundo e de que podemos conviver num espaço que é pertença de todos. Só aceitando as diferenças, respeitando a cultura de cada um, podemos construir um mundo verdadeiramente humano, no qual todos podemos contribuir para um futuro sem conflitos e sem posições inflexíveis. Afinal, tal como os antigos pensadores gregos diziam «Não sou ateniense nem grego, mas sim um cidadão do mundo».

## UM ENSINO DE EXCELÊNCIA

A exceção qualidade do ensino desenvolvido no St. Peter's International School, qualidade comprovada pelo sucesso e pelos horizontes que concede a todos aqueles que participam do projeto, começa desde logo na nova valência, inaugurada neste ano letivo: o Berçário. Assim o St. Peter's International School recebe crianças desde os quatro meses de idade. A partir do Berçário, aqueles que queiram participar no projeto St. Peter's International School poderão seguir depois para o Jardim de Infância e ir até à faculdade num espaço que congrega todas as valências e ciclos. E é no fim que se pode avaliar o sucesso da educação oferecida pelo St. Peter's International School, pois as portas abertas com os resultados escolares obtidos pelos alunos são múltiplas e coincidentes com as escolhas pessoais.

A Direção do St. Peter's International School tem consciência de que a educação é um processo em transformação e que obedece às mudanças constantes que o mundo tem. Por conseguinte, todos os anos procura inovar e oferecer à comunidade educativa novos espaços, valências e projetos educativos. Por sua vez, a Direção Pedagógica, imbuída de um espírito eclético e inovador, promove no grupo docente o uso de práticas educativas inovadoras e intelectualmente cativantes, pois a motivação dos alunos é uma preocupação constante.

Com a sintonia estabelecida entre Direção Pedagógica, grupo docente e alunos, o St. Peter's International School é uma escola promotora do desenvolvimento do pensamento crítico e social de todos os que participam da missão educativa. Ser aluno do St. Peter's International School é ser pessoa consciente de si e do outro, interagindo no mundo com um sentido crítico e apto a construir uma sociedade mais justa.

Obviamente, o sucesso do St. Peter's International School é, invariavelmente, avaliado através dos resultados obtidos. Neste campo, o ensino internacional, o International Baccalaureate Diploma Programme (IBDP), apresenta resultados acima da média mundial. Esses resultados tornam-se mais significativos quando se tem consciência de que o projeto foi implantado apenas há quatro anos no colégio e que a aceitação de alunos no IBDP não exclui aqueles que não tenham o inglês como língua nativa.

Paralelamente, o sucesso dos alunos que optam pelo currículo nacional é uma das faces mais visíveis da excelência do ensino promovido pelo St. Peter's International School. Os alunos, na sua maioria, são colocados no curso pretendido, quer nas universidades portuguesas, quer nas universidades estrangeiras. Aliás, o facto de um aluno escolher o percurso nacional não restringe ou invalida a possibilidade de frequentar, futuramente, qualquer universidade no mundo. Prova disso são os ex-alunos que frequentaram o Ensino Secundário no currículo nacional e estudam ou estudaram em universidades estrangeiras com o mais alto nível de qualidade.

As características do St. Peter's International School, aliadas aos resultados obtidos e à inovação educativa que sempre guiou a instituição, fazem com que seja um colégio para a Europa, pois há a consciência de que o mundo cosmopolita não se limita às fronteiras de um país. Portugal, membro pleno da Comunidade Europeia, quer participar consciente e ativamente nos tempos modernos. Por isso, a formação de alunos que possam ser cidadãos do mundo é uma finalidade que orienta o processo educativo. Essa finalidade surge, pois a Europa é já aqui e agora.



## EM BUSCA DA MATRIZ CULTURAL DA EUROPA

A plena formação dos alunos do St. Peter's International School é estruturada para lá dos currículos nacional e internacional com a oferta de diversas atividades culturais. A realização de visitas de estudo às antigas cidades que moldaram o espírito da alma europeia, como Roma, Atenas e Florença, são atividades habituais, pois sem conhecimento do passado não se pode conhecer quem somos nem enfrentar o futuro

de forma mais consciente.

A consciência de que cada português participa da identidade europeia orienta o dia a dia da instituição educativa, que pretende formar os seus alunos plenamente. Essa consciência faz com que se procure oferecer aos alunos um conhecimento da matriz cultural da Europa. Esse conhecimento permitirá que os alunos comunguem da alma que anima os povos e nações da Europa.



# ST. PETER'S INTERNATIONAL SCHOOL

DESDE O JARDIM DE INFÂNCIA ATÉ À FACULDADE



Building futures

## CURRÍCULO NACIONAL

**3º**  
GERAL

POSIÇÃO NO RANKING  
Jornal de Notícias

**14,57**

Média da classificação  
de exame



**9º**  
GERAL

POSIÇÃO NO RANKING  
Jornal Expresso

**14,16**

Média da classificação  
de exame



**DISTRITAL**

MELHOR MÉDIA  
DO DISTRITO

Média Colégio 13,60  
Média Exame 10,63  
Média Distrito 10,09



\* in PÚBLICO

## CURRÍCULO INTERNACIONAL



**33** PONTOS  
MÉDIA INTERNA

**29** PONTOS  
MÉDIA MUNDIAL

IGCSE  
9.º e 10.º

Diploma IB  
11.º e 12.º

[www.stpeters.pt](http://www.stpeters.pt)

Quinta dos Barreiros, Volta da Pedra 2950-201 Palmela  
geral@stpeters.pt | Tel.: 212 336 990 | Fax.: 212 336 999



## Entrevista

# JPC

J. PEREIRA DA CRUZ

1949



“A 14 de Fevereiro de 1876, Alexander Graham Bell solicitou a patente de um aparelho que pudesse transmitir discurso eletricamente.

O que poucos sabem é que Bell solicitou a mesma patente duas horas antes de Elisha Gray. Pouco importou que o design de Gray fosse melhor e fosse mais eficiente. A

história esqueceu Gray por causa de 120 minutos de diferença.

Está totalmente nas mãos dos inovadores a seguinte escolha:

serem o novo

Alexander Graham Bell ou mais um Elisha Gray”

**João Pereira da Cruz**



João Pereira da Cruz, administrador da J. Pereira da Cruz

## “O nosso papel é aconselhar e servir o tecido empresarial e os criadores nacionais”

**É** sócio administrador de uma das mais experientes empresas europeias no domínio tradicionalmente conhecido como marcas e patentes. João Pereira da Cruz lidera um legado de 70 anos ao serviço de um player moderno, uma sociedade de consultoria especializada em Propriedade Intelectual e que presta todos os serviços relacionados com as matérias de Propriedade Industrial ou Direitos de Autor, entre outros. Neste domínio, por muitos considerado o “ouro negro” do século XXI, mas ainda subaproveitado pelo poder político e por parte do tecido empresarial português, 70 anos de afirmação, assente na oferta de um serviço especializado de assessoria jurídica, representam indubitavelmente um fator de diferenciação. Mandatário Europeu de Patentes, Agente Oficial da Propriedade Industrial, Mandatário junto do EUIPO, o administrador João Pereira da Cruz é o inevitável entrevistado quando se fala em Propriedade Intelectual e num dos grandes desafios nacionais para os próximos anos: “a interiorização pelos stakeholders nacionais e decisores políticos da importância da proteção das suas invenções e criações, assegurando as bases de um desenvolvimento económico e industrial sólido e de futuro”.

**Como vê o panorama da Propriedade Intelectual em Portugal?**  
Acredito que podemos dizer que, em certas áreas, se tem feito um esforço verdadeiro, uma mudança de consciência e posicionamento relativo ao período que atravessamos. Os números que conhecemos, tanto os provenientes do INPI - Instituto Nacio-



nal da Propriedade Industrial, como os do EPO - European Patent Office e do EUIPO - Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia, são encorajadores e demonstram crescimento contínuo da utilização da Propriedade Industrial e das diversas estratégias ao dispor dos utilizadores do sistema. Naturalmente, algum crescimento é mais importante em valor percentual do que em valor absoluto. Por exemplo, o aumento de pedidos de patente europeia de origem portuguesa aumentou em 2018 47% mas, no fundo, representa apenas um acréscimo de 70 pedidos. Em 2018, o número de pedidos de patente europeia representa apenas 0,12% do número total de pedidos apresentados no EPO,

portanto um número ainda muito modesto, mas em crescimento, o que é encorajador. Mantêm-se o crescimento sustentado dos pedidos de marcas nacionais e da União Europeia, bem como de desenhos. A conclusão que podemos tirar das estatísticas conhecidas é que a Propriedade Industrial é cada vez mais conhecida e considerada já por muitos Empresários como essencial na defesa e crescimento do seu negócio, não só a nível nacional mas sobretudo a nível internacional.

**Considera que se trata de um esforço sustentável para o futuro?**

Para que possamos falar numa evolução positiva sustentável, ou seja, contínua e sólida, há um

grande caminho a fazer. Um caminho que depende da vontade de muitos mas, sobretudo, um caminho que não pode deixar de ser concertado, planeado a médio e longo prazo e onde os vários stakeholders envolvidos devem estar em completa sintonia. É muito importante perceber que a patente não pode ser considerada uma excentricidade, um elemento isolado no plano de investimentos de uma empresa, tem de ser uma ferramenta, usada sempre que o projecto ou o negócio o justificar. Um grande amigo meu, antigo responsável pelo Departamento de Patentes de uma multinacional estrangeira costuma dizer que, para haver uma patente, terá necessariamente de haver novidade e uma

oportunidade de negócio, para além de outros requisitos que os Agentes Oficiais da Propriedade Industrial devem encontrar quando não seja evidente, tais como o “inventive step”. Portugal está cheio de gente de grande engenho e competência, os nossos engenheiros e designers contam-se entre os melhores do mundo, algumas das nossas empresas são exemplo de inovação e inventividade. Não é aceitável que um país com este potencial não suba mais no ranking dos países, relativamente ao número de pedidos de patentes. A J. Pereira da Cruz considera que este é um dos grandes desafios nacionais para os próximos anos: a interiorização pelos stakeholders nacionais e decisores políticos

depende também do número de países, mas se é caro, barato ou equilibrado depende dos benefícios que advêm de ter a patente, em comparação com não a ter, o que nos leva ao planeamento e à utilização. Não devemos olhar para a proteção das invenções, das criações e das marcas como um custo para as empresas. Se houver um projecto sustentável tem que ser olhado como um investimento essencial para as empresas garantirem o seu negócio, o seu futuro. A proteção dos seus produtos fará a distinção dos outros e preservará a sua qualidade. Não proteger é deitar fora todo o esforço e investimento no desenvolvimento

de importância da proteção das suas invenções e criações, assegurando as bases de um desenvolvimento económico e industrial sólido e de futuro.

**Acha que falta essa visão aos empresários nacionais?**  
A protecção das invenções e criações, dos processos inovadores de produção que visam revolucionar o mercado e catapultar para o sucesso, deve ser totalmente interiorizada e constituir uma das preocupações básicas do inovador nacional. Gosto de recordar que, a 14 de Fevereiro de 1876, Alexander Graham Bell solicitou a patente de um aparelho que pudesse transmitir discurso eletricamente. O que poucos sabem é que Bell solicitou a mesma patente duas horas antes de Elisha Gray. Pouco importou que o design de Gray fosse melhor e fosse mais eficiente. A história esqueceu Gray por causa de 120 minutos de diferença. Está totalmente nas mãos dos inovadores a seguinte escolha: serem o novo Alexander Graham Bell ou mais um Elisha Gray.

**Qual é o papel da J. Pereira da Cruz neste caminho?**

A J. Pereira da Cruz está a completar os seus primeiros 70 anos de vida, mas muitos mais de experiência agregada entre as dezenas de profissionais que nela trabalham. O nosso papel é aconselhar e servir o tecido empresarial e os criadores nacionais. Note que inovação não falta neste país e a J. Pereira da Cruz há muitos anos que trabalha em estreita relação com os maiores empreendedores nacionais, mas como Agentes Oficiais de Propriedade Industrial queremos ajudar os nossos clientes na melhoria contínua dos processos de criação de riqueza nacional.

**No entanto, fala-se dos custos das patentes...**

Patente não é um custo... é um investimento. Veja bem, inovar é um processo complexo e caro, caro em meios, horas de trabalho e em investimento financeiro. Pode muito bem ser uma sucessão de erros para atingir o sucesso. Não proteger o seu resultado é deitar fora esse esforço e colocar todo o seu trabalho gratuitamente no mercado. O custo



depende também do número de países, mas se é caro, barato ou equilibrado depende dos benefícios que advêm de ter a patente, em comparação com não a ter, o que nos leva ao planeamento e à utilização. Não devemos olhar para a proteção das invenções, das criações e das marcas como um custo para as empresas. Se houver um projecto sustentável tem que ser olhado como um investimento essencial para as empresas garantirem o seu negócio, o seu futuro. A proteção dos seus produtos fará a distinção dos outros e preservará a sua qualidade. Não proteger é deitar fora todo o esforço e investimento no desenvolvimento

e promoção dos seus produtos, colocando-os livremente no mercado e dando à concorrência a possibilidade de os copiar. **Trata-se de um processo complexo também**

A boa protecção é complexa, mas para isso temos os especialistas nesta área na J. Pereira da Cruz e cuja função é tornar o processo simples para quem quer patentear. Recorrer a processos ou a profissionais menos experimentados pode sair bastante mais caro. Eu diria irremediavelmente mais caro. O papel principal que os Agentes Oficiais da Propriedade Industrial podem ter em todo o processo de patentear é o bom aconselhamento

que devem dar aos seus clientes, na estratégia adequada de protecção. Em J. Pereira da Cruz temos um vasto grupo de especialistas nas diferentes áreas, das patentes às marcas. Naturalmente que há áreas mais técnicas que necessitam de apoio mais especializado mas, de uma maneira geral, o Agente Oficial da Propriedade Industrial deve recomendar a melhor estratégia de protecção. Como já referi, recorrer a processos ou a profissionais menos experimentados pode sair bastante mais caro. Eu diria irremediavelmente mais caro. O papel principal que os Agentes Oficiais da Propriedade Industrial podem ter em todo o processo de patentear é o bom aconselhamento

**Quando patentear?**

Se houver novidade, actividade inventiva e interesse comercial associado, então há razão para proteger a invenção, isto é, patentear. Recomendamos um exame ao estado da técnica, a que chamamos pesquisa, para se ficar com uma ideia mais correcta, portanto avaliar com um grau de certeza bastante preciso a matéria já conhecida e eventualmente protegida, a fim de podermos redigir o novo pedido de patente com maior garantia de sucesso. O exemplo que dei de Graham Bell teve lugar no Século XIX. Não é preciso explicar aos empresários, criadores ou

decisores públicos que duas horas em 1876 são hoje uma eternidade. A grande lição que todos devemos retirar desta história é que tempo e oportunidade são tão importantes como a capacidade de inovar.

**E o que ganha o criador com isso?**

Uma patente dá ao seu titular um direito exclusivo sobre a sua invenção e impede que terceiros a utilizem sem o seu consentimento. Simultaneamente, a patente serve para demonstrar que o produto ou processo é inovador, certamente interessante, e que a empresa que o desenvolveu é uma empresa inovadora, mesmo num mundo cada vez mais competitivo onde a inovação tem um papel fulcral. A empresa titular da patente destaca-se portanto das outras, tornando-se um enorme valor competitivo para quem se quer afirmar no mercado actual, sendo uma distinção positiva face à concorrência. A história está repleta de exemplos de grandes criações que nunca aproveitaram aos seus criadores, empresas que inovaram, mas por razões inexplicáveis abriram mão do seu conhecimento e vantagem tecnológica no mercado. Exemplos não faltam.

**JPC**  
J. PEREIRA DA CRUZ

1949

JPC  
J. PEREIRA DA CRUZ

1949

70 anos a proteger  
a criatividade e a inovação

Managing  
Intellectual  
Property

IPSTARS  
TOP TIER FIRM 2019



# Santa Casa da Misericórdia de Palmela Uma família para toda a vida!



Maria João Marques de Oliveira, atual Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Palmela, confessa ter herdado em Janeiro de 2019, um legado de peso, obrigando a um grande empenho e responsabilização. A Santa Casa da Misericórdia de Palmela, fundada em 5 de Março de 1529, a mais antiga Instituição do Concelho, acumula um legado de 490 anos de serviço da comunidade mais carenciada e desprotegida. Desde a sua criação, esteve, predominantemente, vocacionada para a área da saúde, distinguindo-se a gestão do Hospital da Vila, posteriormente, nacionalizado, por Lei no ano de 1975, passando a ser gerido pelos serviços públicos de saúde. Antes desta nacionalização, em 1973, a Santa Casa da Misericórdia de Palmela inaugurou o Lar de S. Pedro, localizado em Palmela, com o objectivo de suprir algumas lacunas existentes no Concelho no que respeitava ao cuidado de idosos. Inicialmente este lar albergava apenas 60 utentes, e decorridos dez anos, nestas mesmas instalações, criou-se o Centro de Dia, passando a usufruir deste espaço, 10 utentes.

Actualmente, a Santa Casa da Misericórdia de Palmela, após sucessivas ampliações e melhoramentos no edifício original, possui três valências: o Lar de S. Pedro, que serve 84 idosos, a Clínica Rainha Dona Leonor, a funcionar no próprio edifício do Lar, desde do ano de 1994, a qual integra o Centro de Medicina Física e de Reabilitação, e um Centro de Dia, inaugurado no ano de 2003, situado na povoação de Aires, Concelho de Palmela, com capacidade para 20 utentes. Pela construção da Clínica, esta instituição retomou a sua actividade na área da saúde, prestando cuidados à população que se encontra convencionada com diversas entidades públicas e privadas. Neste momento, esta clínica permite, diariamente, que 120 utentes, incluindo alguns idosos do Lar, possam beneficiar de tratamentos de fisioterapia e/ou de diferentes consultas de especialidade, como fisioterapia, psicologia, medicina familiar, terapia da fala e outras. Deve-se salientar que nesta clínica, actualmente com 7 fisioterapeutas, ao contrário de muitas outras unidades semelhantes, conseguimos ter um contacto entre fisioterapeuta e utente em que o profissional está muito presente em todo o processo de tratamento. Crianças com grau de deficiência elevado, são estimuladas e tratadas também neste espaço, o que exige uma dedicação muito especial e um elevado profissionalismo por parte destes fisioterapeutas.

No âmbito de um protocolo celebrado com o Instituto de Segurança Social, a Santa Casa da Misericórdia de Palmela dispõe de uma cantina social, servindo,

diariamente, 33 refeições.

Tendo em conta todas as valências da Santa Casa da Misericórdia de Palmela, verifica-se que diariamente 250 pessoas são beneficiadas pelos seus diferentes serviços.

Num périplo pelas valências da Instituição, guiados pela atual Provedora, Maria João Marques de Oliveira, e pelo Director Delegado, João Martins, tivemos a oportunidade de testemunhar um exemplo vivo de humanização de cuidado. A começar pelo Lar de São Pedro, quer a senhora Provedora quer o senhor Director Delegado, conhecem cada utente pelo nome, assim como os familiares mais presentes. Nesta Casa, trocam-se afetos e partilham-se momentos de um dia bem preenchido, pela participação dos idosos em diferentes actividades, resultando sorrisos que transparecem o valor da vida nesta etapa humana. É certo que o ingresso dos idosos na Instituição marca, em certa forma, uma rutura com as suas rotinas, convívios, hábitos adquiridos em outras etapas da sua vida, mas o carinho e todo o modo como estas pessoas são acolhidas neste local, resulta na construção de uma segunda família, na consequência que a vida é um dom, que toda a pessoa é digna, independentemente da sua idade ou da revelação das suas fragilidades biológicas.

#### Quantas pessoas emprega a instituição?

No total, são 82 os nossos profissionais, permitindo que a Santa Casa da Misericórdia de Palmela, a seguir à Autarquia, seja um empregador de grande relevância no concelho. Do ponto de vista de recursos humanos, reconhecemos que temos uma média bastante superior aos rácios profissional-utente exigidos e praticados.

#### Quais as principais dificuldades com se deparam?

Não é fácil gerir uma IPSS como esta, pois a maioria dos utentes auferem de uma pensão muito baixa. O valor que recebemos do Estado, por utente, não é sustentável e, por isso, temos que inovar, ser criativos de modo a encontrar esta sustentabilidade com meios próprios. O Estado actualiza, habitualmente, as

comparticipações em função da inflação, ignorando os aumentos do salário mínimo nacional, constituindo para nós custos acrescidos. Outra grande dificuldade é o facto de os utentes que chegam, actualmente, ao Lar, encontrarem-se com grande grau de dependência, necessitando de auxílio para as suas rotinas diárias, de cuidados médicos e de enfermagem aumentados. Por estes motivos, a ERPI é uma estrutura que, do ponto de vista técnico e de recursos, exige um investimento muito significativo. Respeitando a vertente social da Instituição, e todos temos essa sensibilização, recebemos utentes que devido ao estado que se encontram são internados diretamente na enfermaria. Esta decisão passa também pela nossa sensibilidade em reconhecer que os familiares, nas suas casas, não conseguem responder às necessidades requeridas, e o Estado não ofereceu resposta ao seu problema. A nossa prestação é fundamental e vamos muito além do que nos é exigido nos contratos que celebramos com organismos estatais.

#### Perante tantas barreiras, como se encontra a instituição do ponto de vista financeiro?

A nossa instituição, é pequena quando comparada com outras Santas Casas da Misericórdia. No entanto, temos as nossas contas equilibradas, fruto de uma boa gestão dos nossos gastos. Não temos créditos bancários nem dívidas a terceiros. É preocupação desta Mesa Administrativa fazer uma gestão muito equilibrada dos recursos da Instituição.

#### A instituição tem delegadas competências, nomeadamente nas áreas da saúde e social que, habitualmente, competiriam ao Estado e à autarquia. Como tem sido a relação com o município?

Quando assumimos o mandato para o qual fomos eleitos, a Mesa Administrativa e eu, pessoalmente, assumimos o compromisso de estreitar relações com a câmara municipal. Uma das primeiras iniciativas que desenvolvemos foi reunir com o senhor Presidente, proporcionando um momento muito bom de diálogo, uma grande abertura às nossas necessidades. Estou,





sinceramente, esperançada que inaugurámos um novo paradigma, fomentado na desejada e necessária colaboração.

**Que principais projetos elege como prioridades para este exercício?**

Temos um projeto já em fase avançada, resultante de uma candidatura ao Fundo Rainha Dona Leonor, para o restauro da Igreja da Misericórdia, um património que tem um especial significado para a população. Por outro lado, herdámos um processo relacionado com uma licença de utilização... Somos particularmente escrutinados e inspeccionados por tudo quanto é organismo do Estado mas falta-nos a licença de utilização do edifício sede, que alberga o lar e a clínica. Fruto do estreitamento de relações com a autarquia, que esperamos haver, elegemos como bandeira e grande objetivo a obtenção dessa licença, que nos obriga a realizar um conjunto de correcções, algumas das quais já estão em curso, mas creio que seria do benefício comum que houvesse alguma complacência por parte da autarquia e da Segurança Social, tendo em conta a idade do edifício, que na altura não foi projectado com as exigências atuais. No entanto, importa realçar que, dado que o Lar tem acordo de cooperação com o Instituto de Segurança Social, conforme a legislação em vigor, este substitui o licenciamento, para construções mais antigas. Por fim, temos os sonhos... Temos um edifício que albergava o antigo hospital, anexo ao que integra a sede, o lar e a clínica, que pertence à Misericórdia e se encontra atualmente arrendado à Câmara Municipal, que gostaríamos que voltasse à nossa posse, onde poderíamos ligar os dois edifícios, ampliar o lar e oferecer respostas mais adequadas à realidade atual, como na área das demências. Outro sonho, que já se encontra em fase de negociação, visa a aquisição de um terreno numa zona carenciada de oferta no concelho para a construção de uma nova ERPI com 60 camas, um centro de dia com capacidade de 20 utentes e a sede da unidade de apoio domiciliário.

**Encontra-se há pouco tempo ao serviço da instituição... se pudesse voltar atrás, apostaria novamente nesta missão?**

Sim, claro que sim! É de facto o espírito de missão e de serviço que me move.

Tanto eu como os elementos da mesa administrativa que me acompanham, dispensam o seu tempo pessoal para servirem diariamente, in loco, a instituição, não auferindo qualquer remuneração. O que nos move é que no final do mandato seja possível entregar a Instituição em melhores condições, tanto ao nível dos serviços prestados, bem como a nível financeiro.

**João Martins, Director Delegado**

“Estou na instituição há 21 anos e interiorizei o desígnio de contribuir para a qualificação da nossa missão, o que passa por oferecer aos nossos utentes as melhores condições possíveis enquanto cá estiverem. Procuramos fomentar aos nossos utentes um estilo de vida ativo, dinamizando atividades que os enriqueçam, quer do ponto de vista físico, quer psicológico. E temos muitos exemplos: desenvolvemos cursos de informática, de literacia ou de dança, levamo-los ao teatro, ao cinema, ao futebol, a Fátima, a eventos fora do município, todos os anos fazem praia... Contribuir para o incremento da qualidade de vida dos nossos utentes é o nosso foco”.

**José Gouveia**  
Presidente da Adega de Sabrosa

“Como Presidente do Conselho de Administração da Adega de Sabrosa, é uma grande honra ver a Adega associada, uma vez mais, às comemorações do V Centenário da Viagem de Circum-Navegação de Fernão de Magalhães. Para a Adega de Sabrosa é de extrema importância estar associada a todos os eventos relacionados com esta figura histórica que dá nome à marca dos melhores vinhos que comercializamos. E tendo a Adega definido como objetivo exportar cada vez mais os seus vinhos e descobrir novos territórios ou mercados, como fez Fernão de Magalhães, associar os seus vinhos à imagem de Magalhães representar um abrir portas à divulgação e comercialização destes vinhos. A título de exemplo, posso referir que a Rede de Cidades Magalhânicas adoptou o nosso Porto 10 Anos como vinho oficial. Todos os anos, comemoram o feito de Magalhães numa cidade desta rede, tendo sido a primeira comemoração realizada aqui, em Sabrosa, o que muito nos orgulha. Este dia é muito importante para nós, uma vez que lançamos o nosso Vinho do Porto Reserva Especial, no âmbito das Comemorações do V Centenário e cabe-me deixar um agradecimento especial a todos os associados e funcionários da Adega de Sabrosa que, fruto do seu esforço e dedicação, permitem que estejamos hoje aqui a brindar com este vinho e, por fim, à Engenheira Celeste Marques, Diretora e Enóloga responsável pelo lançamento de mais um magnífico vinho”.



**Celeste Marques**  
Enóloga da Adega de Sabrosa

“Este é um Vinho do Porto Reserva Especial, do estilo ruby, de cor intensa púrpura negra, com aroma refinado, delicioso e intenso, exibindo notas de flores e frutos vermelhos maduros, mais pretos, de variado tipo: ameixa, cereja, cássis, etc. É muito encorpado, denso e aveludado, a garantir um longo final de boca. É um vinho concentrado, intenso e elegante, com uma grande força e carácter, que caracteriza também a personalidade de Fernão de Magalhães, que serviu de inspiração para toda a equipa da Adega de Sabrosa na elaboração deste néctar”.



*Comemorações do V Centenário da Viagem de Circum Navegação de Magalhães chegam à mesa...*

# Sabrosa brinda a Magalhães com o melhor “néctar” do Douro



No ano em que se comemora o V Centenário da Viagem de Circum-Navegação de Fernão de Magalhães, a população de Sabrosa une-se orgulhosamente em torno desta figura histórica, cuja natalidade é reclamada pelo município local. No dia 16 de junho, a população saiu à rua para homenagear este nobre filho da terra,

com um vasto programa de partilha cultural que incluiu a inauguração de um mural alusivo a Sabrosa e às Comemorações do V Centenário da Viagem de Circum-Navegação e a apresentação oficial do Vinho “Porto Reserva Especial Fernão de Magalhães 500 anos”, da Adega de Sabrosa. Num evento que contou com as participações de José Marques, Presidente

da Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Viagem de Circum-Navegação, de Domingos Carvas, Presidente da Câmara Municipal de Sabrosa e de José Gouveia, Presidente da Adega de Sabrosa, que prendou as cerca de 400 pessoas presentes com um Porto de Honra com aquele que passa a ser o “néctar das descobertas”, enquanto vinho oficial das

sessões integradas nas comemorações que, entre este ano e 2022, decorrerão em todos os territórios por onde passou o navegador português. Reproduzimos os discursos proferidos pelos responsáveis da Adega de Sabrosa, que trazem o melhor de Fernão de Magalhães às nossas mesas e pelo responsável pela Estrutura de Missão...

**José Marques**

Presidente da Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Viagem de Circum-Navegação  
“Gostaria de cumprimentar em particular as várias instituições aqui presentes, felicitando particularmente a Adega de Sabrosa, que nos prenda com uma importante iniciativa associada às comemorações e congratulando-me, enquanto Presidente da Estrutura de Missão pelo facto de esta Adega estar desde há muito associada a este legado simbólico de Magalhães e que, hoje, através de uma edição especial, um Vinho do Porto Reserva Especial 500 Anos no contexto das comemorações, irá naturalmente perpetuar, engrandecer e dar a conhecer, não só a região do Douro, não só este néctar do concelho mas também enaltecer e referenciar as comemorações associadas a este grande homem e intrépido navegador que foi Fernão de Magalhães. Estou aqui quase numa dupla qualidade: de Presidente da Assembleia Municipal e, simultaneamente, na qualidade de presidente das comemorações do V Centenário da primeira circum-navegação liderada pelo português e sabrosense Fernão de Magalhães... 500 anos depois, por que celebramos esta importante odisséia na história? O que celebramos é, de facto, Fernão de Magalhães porque a viagem só foi possível de realizar-se dada a tenacidade, a coragem... Podemos dizer que Fernão de Magalhães simboliza o paradigma do navegador do seu tempo: homens visionários, corajosos, determinados, empreendedores. E hoje estamos precisamente a inaugurar um mural associado ao programa das comemorações que integra todo esse simbolismo. Todo esse simbolismo associado também àqueles que são os traços do homem e da mulher duriense: pessoas corajosas, com tenacidade, com capacidade empreendedora que, ao longo de toda esta história do Douro, capazes de ultrapassar os grandes desafios e obstáculos e de nos transmitir esta importante herança. Celebramos Magalhães e o seu grande feito. Metaforicamente, podemos dizer que abraçou o mundo. É através desta importante expedição, que se inicia em 20 de setembro de 1519 e que vai resultar na primeira viagem de circum-navegação, que se tem a primeira visão global e integral do mundo. E isto revolucionou conceptualmente o mundo. Esta primeira viagem global e universal une povos e culturas, através de um oceano que Magalhães veio a provar ser único, apesar de assumir vários nomes. Magalhães demonstra a intercomunicabilidade entre os oceanos, conseguindo atravessar o mais extenso, o Pacífico e demonstrar a esfericidade da Terra. Mas celebramos muito mais: o encontro de culturas e a valorização do conhecimento. Por isso, Magalhães inspira-nos nos domínios culturais, científicos, tecnológicos, a própria NASA inspira-se em Magalhães, dando o seu nome a uma sonda espacial... E tudo isto é também inspirador no contexto artístico e em muitos outros. Estamos aqui a celebrar um marco na história universal e é igualmente importante no contexto de que Sabrosa se abre ao mundo e vai também por esse mundo fora”.





Município de  
**SEVER DO  
VOUGA**

António Coutinho, Presidente da Câmara Municipal de Sever do Vouga

# Neste verão, delicie-se num concelho “verde água”

**Nas últimas eleições autárquicas, a população atribuiu-lhe um voto de confiança expresso com 47% dos votos... Passados dois anos, o que receberam os municípios em troca?**

Recebe todos os dias muita vontade de trabalhar e de resolver problemas. Trabalhar para a população, trabalhar com as pessoas, identificar e resolver problemas, até os que vulgarmente consideramos mais banais. Estamos aqui para os servir com qualidade e não tenho a menor dúvida de que é essa a imagem que a população tem deste executivo.

**Sensivelmente a meio do mandato, que prioridades define para o concelho nestes dois anos de exercício que se aproximam?**

Temos ainda muito por fazer... Costumo dizer que o trabalho nunca acaba e, quando projetamos um orçamento ou iniciamos um plano de atividades para um ano, já estamos a pensar nos que virão a seguir. Não existe um limite para a evolução e entendemos que devemos trabalhar numa lógica de continuidade, definindo metas e objetivos. E diria que os nossos grandes objetivos ainda não estão suficientemente cumpridos. Algumas das grandes obras que nos propusemos fazer estão em curso, outras estarão ao longo deste mandato...

**A educação entra nesse eixo de prioridades?**

A educação está no centro das preocupações... Neste momento, estamos a construir o maior centro escolar do concelho, que congregará várias escolinhas que temos à volta e essa é, sem dúvida, a grande obra... Suportada pela Câmara Municipal, com participação financeira dos Fundos Comunitários do Portugal 2020 e que resulta de um concurso também por nós lançado, com o maior valor de sempre de obras municipais.

**Sendo Sever do Vouga um município do interior, que importância assume a Ação Social para o atual executivo?**

Somos um município que pretende estar muito junto das pessoas e resolver os seus problemas. Muitos dos nossos problemas são ainda de índole social e temos vindo a estudar novas formas de apoio que complementam um vasto leque devidamente fundamentado em regulamentos. Continuamos a apostar no apoio habitacional, com a recuperação de habitações de famílias carenciadas, com ajudas aos pagamentos de rendas, no apoio à natalidade, no apoio domiciliário aos idosos em pequenas obras... Mas pretendemos ainda reforçar este leque de apoios e estamos prestes a lançar o apoio ao transporte de doentes crónicos que carecem de acompanhamento fora do concelho. Paralelamente,

Com uma carreira profissional que inclui cerca de 40 anos de serviço público no concelho que hoje dirige como autarca, António Coutinho revela-se fiel seguidor de políticas de proximidade, uma tendência cada vez mais confinada a territórios do interior... Em Sever do Vouga é fácil falar com o presidente da câmara... Conhece o concelho e os municípios como poucos, e lidera uma equipa competente, que realiza obra e ajuda a resolver problemas. A educação é uma prioridade da sua gestão; foi professor e enquanto presidente do Conselho Diretivo / Executivo Escolar, aceitou lecionar “para não perder a ligação a uma paixão” e encara como natural um regresso no futuro à escola. António Coutinho é o preferido pela população para governar um concelho que, apesar de localizado no Interior, se encontra hoje bem acessível graças à proximidade com a A25 (embora necessitando de um acesso mais direto) e dotado de uma riqueza paisagística, patrimonial e gastronómica ímpar, a par de uma oferta de infraestruturas muito valorizada ao longo dos últimos anos pelo executivo local. Em entrevista, o edil abre-nos as portas a um concelho em expansão turística...



fomentamos a mobilidade e o envelhecimento ativo destas populações, nomeadamente através do projeto Sever In, que lhes proporciona, entre outras valências, meios de deslocação até outros territórios do concelho. E este Sever In serviu de base para a reorganização dos transportes e acessibilidades no seio da nossa Comunidade Intermunicipal.

**O ambiente é um grande património do concelho...**

**De que forma procura a autarquia preservá-lo e valorizá-lo?**

Uma das grandes obras deste mandato é a criação do ecocentro. Simboliza a nossa preocupação relativamente a um património de excelência que temos, o ambiente. Pretendemos que as pessoas se habituem a preservá-lo e estamos a contribuir para uma alteração de hábitos muito positiva. Mas temos também valorizado grandes áreas ambientalmente degradadas e temos outros grandes projetos prestes a avançar, nomeadamente a valorização das margens do rio Vouga, mas também o prolongamento do Parque Urbano da Vila, o Largo de S. Mateus, o Largo da Feira e o Largo do Couto. Acoplados a estes projetos, temos outros na área do turismo ambiental que visam a construção de percursos, de intervenções próximas à barragem e de mais uma praia fluvial. A natureza, reafirmo, é um dos patrimónios mais distintivos que temos e pretendemos potenciá-lo como atratividade.

**Não sendo propriamente uma competência, a intervenção em saúde é um dos eixos que mais concorre para a qualidade de vida... Como tem o executivo monitorizado esta área?**

Como é sabido, a saúde não é ainda uma competência das autarquias... Mas há um grande acompanhamento da nossa parte, temos tido grandes discussões em torno do funcionamento da saúde em Sever do Vouga e temos mesmo promovido intervenções directas, nomeadamente ao nível da recuperação e melhoria dos espaços e infraestruturas que integram centros de saúde. Atualmente, discute-se a transferência de competências mas, até ao momento, ainda não chegámos a um consenso, uma vez que à transferência

dessas competências, não está prevista a necessária transferência de verbas e recursos. De qualquer modo, considero que o concelho se encontra bem servido pela atual rede de saúde, apesar de prevermos um problema a curto prazo: dos nove médicos colocados no concelho, cinco serão brevemente aposentados, o que, aliado às habituais dificuldades em cativar estes profissionais para o interior aquando da abertura de concursos, se afigura problemático dentro de quatro ou cinco anos.

**De que forma tem o município potenciado o turismo como vector de desenvolvimento do concelho?**

Outra grande força do nosso município é a área cultural e o turismo. Temos apostado muito na organização e promoção de atividades culturais marcantes, que consideramos primordiais para a projeção do nosso território e para a atração de público, nomeadamente de turistas. Investimos muito nessas áreas e por isso associamos o que consideramos marcas identitárias do concelho a esses eventos, como sucede com o mirtilo... Entretanto, considero que o concelho, face à afluência de visitantes, tem hoje uma grande necessidade relacionada com a criação de mais alojamento em volume. Temos potencial, a oferta é excelente, diversificada e diferenciada e estamos a procurar atrair investimento nesse domínio. Neste momento, temos duas unidades prestes a avançar...

**Com o Verão a aproximar-se, pedíamos-lhe que vestisse o fato de guia turístico e aconselhasse um périplo aos nossos leitores...**

Confesso que tenho dificuldade em eleger um itinerário para um só dia, uma vez que Sever do Vouga possui um vastíssimo leque de espaços a visitar, nomeadamente de interesse patrimonial, como sucede na área do megalitismo. Isto para além da natureza, que constitui o mote para outra grande marca do concelho, o Verde e a Água, que assumem aqui tons muito diferenciados. Somos atravessados por um riquíssimo quadro natural de rios e ribeiros que originam um belíssimo conjunto de quedas de água e, como tal, teria que propor um roteiro de pelo menos três dias para abarcar todas estas ofertas, incluindo a nossa ecopista, que, em 12

km, atravessa uma zona de rara beleza junto ao Vouga; aconselharia uma visita a pelo menos uma das nossas cascatas, sendo que a mais conhecida é a da Cabreira, inserida num parque com uma enorme biodiversidade; quanto a espaços patrimoniais, temos excelentes igrejas, pelourinhos e monumentos que incluem arte rupestre e património megalítico, como a Anta da Cerqueira, de fácil acesso. Paralelamente, temos uma oferta gastronómica igualmente bem diferenciada e que dá o mote a dois eventos que promovem a nossa lampreia, a vitela e o cabrito.

**Ficavouga: marque na agenda, de 31 de julho a 4 de agosto**

A Ficavouga iniciou-se como uma feira comercial, industrial e de artesanato. Continua a eleger esses domínios, embora se tenha evidenciado mais, nos últimos anos, como um festival de música. Entre 31 de julho e 4 de agosto, acolheremos um dos mais qualificados e diversificados festivais de música do país, que atrai públicos de todas as gerações e que combina uma oferta das bandas de top com todas as bandas do concelho. Paralelamente, temos uma área de restauração, com as tradicionais tasquinhas desenvolvidas por cada freguesia e que promove a nossa gastronomia, um espaço dedicado ao artesanato e um espaço de animação para as crianças.

31 DE JULHO A 4 DE AGOSTO  
**SEVER DO VOUGA**

**FICA VOUGA '19**

31 JUL D.A.M.A.

1 AGO SONS DO MINHO

2 PIRUKA

3 CALEMA

4 Ana Láins + Mafalda Arnauth (convitada)  
RICARDO AZEVEDO

**VAIS AO FICA?**  
...É EM SEVER!



**Há dois anos, a população de Figueira de Castelo Rodrigo renovou-lhe o voto de confiança, reconduzindo-o no mandato de autarca... Até ao momento, o que recebeu em troca?**

Temos vindo a dar continuidade aos serviços que vínhamos prestando à população... Desde o último mandato, demos continuidade àqueles projetos que eram emblemáticos e que traduziam muita importância para a vida das populações. Falo concretamente do nosso seguro de saúde municipal, um instrumento inovador e inédito não só a nível nacional mas igualmente europeu, que permite oferecer gratuitamente saúde à nossa população; falo concretamente dos transportes das aldeias para a sede do concelho; falo também da possibilidade de os nossos jovens que estudam nas universidades na

pouco explorada... Resumindo, um conjunto de projetos estruturantes que, no enquadramento de toda a dinâmica turística do concelho, representarão mais valias e permitirão que quem nos visite permaneça pelo menos mais um dia no concelho, visitando e usufruindo tudo o que temos à disposição. Estes projetos complementarão uma já vasta rede turística implementada e resultarão num novo conjunto de equipamentos visitáveis.

**Em territórios periféricos, como Figueira de Castelo Rodrigo, a captação de investimento e a criação de emprego são designios fundamentais para a fixação das populações. O que tem a autarquia realizado a este nível?**

Temos feito um esforço muito significativo, principalmente no setor agrícola, para o qual desenvolvemos um regulamento

na atração de mais empresas privadas, nomeadamente na área do alumínio e da cortiça. Infelizmente, e apesar de um enorme esforço da parte do município, ainda não conseguimos abrir os lactínios da Marofa, um negócio que consideramos fundamental e estruturante para o concelho, até porque temos mais de 30 mil cabeças de gado ovino e mais de 4 mil de bovino, de que resulta o escoamento do leite para concelhos limítrofes onde é produzido o famoso Queijo da Serra. A nossa intenção é que esta estrutura passe a receber esta produção e que volte a ser produzido o Queijo da Marofa que, durante muitos anos, beneficiou de muita fama. De todo o modo, têm surgido pequenos projetos empresariais que estão a fazer o seu percurso... Naturalmente, ansiamos sempre mais.

**Presumo que a ação social seja uma das áreas em**

municipal de apoio, que incluiu os programas Figueira mais Verde e o Figueira Empreende Mais, que permitiram aos nossos agricultores beneficiarem de um conjunto de apoios financeiros para alavancarem as suas atividades: adquirirem alfaias, fazerem vedações, furos, plantações, entre outras intervenções para as quais criámos apoios específicos. Nesse regulamento, previmos ainda um apoio financeiro de mil euros por cada posto de trabalho criado. A partir do sexto posto de trabalho criado, o investidor recebe um suplemento adicional de cinco mil euros. Temos obtido resultados, os agricultores estão a investir no setor, temos assistido à expansão e à diversificação da atividade, com particular ênfase para a vinha e pistácios. No total, são mais de 800 as famílias que estão a beneficiar deste programa agrícola. Também temos encetado um esforço significativo na zona industrial, que temos vindo a expandir e que tem resultado na construção de mais pavilhões e

**que a inovação tem que estar permanentemente presente...**

Este executivo em particular tem tido muita preocupação com o domínio da ação social. Desde logo, uma preocupação acrescida com os nossos idosos com o intuito de lhes oferecer a desejada qualidade de vida e bem-estar, nomeadamente através do projeto de teleassistência que descrevi e do transporte até à sede do concelho, garantindo-lhes maior mobilidade. Tudo isto é assegurado de forma gratuita... Temos tido preocupação com a saúde das pessoas e ultrapassámos o problema do défice de médicos através do seguro de saúde municipal, que oferece à nossa população acesso gratuito a serviços de saúde como consultas de clínica geral e de variadíssimas especialidades, entre as quais a medicina dentária, bem como, a meios de diagnóstico complementar. Não pagam pelo acesso a estes serviços,



**Da Plataforma da Ciência Aberta ao Seguro Municipal de Saúde, passando pelo transporte gratuito no concelho, o executivo liderado por Paulo Langrouva tem deixado marcas muito distintas num município em que as ameaças da interioridade tem sido transformadas em oportunidades. Figueira de Castelo Rodrigo é hoje um território modernizado que soube atrair investimento e turismo mas também manter vivos e bem preservados os seus maiores patrimónios: as gentes locais, a natureza e o património monumental. Em entrevista, o edil abre-nos as portas a um verdadeiro caso de estudo ao nível da gestão autárquica...**



nem taxas moderadoras, nem sequer pelo transporte. É um serviço único e exemplar no país e na Europa. Aliás, devo realçar que o Senhor Primeiro-Ministro, que nos visitou em janeiro, ficou muito surpreendido com esta solução e interessado em aprofundar o conhecimento sobre a metodologia e operacionalização. E a população reconhece este projeto como um dos melhores serviços que já lhe foram prestados. Muitos dos nossos idosos já há anos que não realizavam análises ou não tinham acesso a uma simples consulta e, através deste sistema, passaram a acompanhar a sua saúde e a obter os tratamentos necessários. Simultaneamente, através deste projeto estamos a atuar no âmbito da prevenção, a garantir uma maior periodicidade e rapidez no acesso aos cuidados de saúde e ainda a ajudar a economia local, nomeadamente as clínicas locais.

**Em que medida tem sido a educação uma prioridade?**

A educação também tem sido um foco muito importante deste executivo, não só na atribuição de equipamentos e melhoria de condições às escolas, domínio em que temos realizado um investimento significativo mas igualmente através da plataforma Ciência Aberta, mais uma iniciativa inédita a nível nacional e internacional. A este nível, temos promovido sessões lúdicas e “simples” que visam aproximar a ciência à educação, transmitindo conhecimentos extremamente importantes às nossas crianças. A título de exemplo, as crianças apanham a azeitona, transformam-na e veem o produto final, o azeite, extraído a partir desta transformação, levando depois uma garrafa de azeite para casa, o que valoriza o seu trabalho e aprendizagem. No próximo ano, no âmbito da disciplina de “Cidadania”, teremos cientistas a falar nas escolas sobre alterações climáticas, classificação dos insetos, astronomia, entre outras temáticas... Estamos a sensibilizar a nossa comunidade escolar para que haja uma percepção de que, afinal, a ciência pode estar muito próxima da resolução dos problemas locais e a intervir na educação de forma diferente, mais próxima e prática da comunidade escolar e com um retorno que tem sido fantástico.

Ainda este mês, tivemos 70 cientistas que vieram de todo o mundo para se concentrarem nesta Plataforma da Ciência Aberta e promoverem uma reflexão acerca da ciência, da importância da arte e da importância da ligação destas duas áreas para a criação de oportunidades de negócio e desenvolvimento local.

## O autarca como guia turístico



“Como pontos turísticos obrigatórios, destacaria uma visita a Castelo Rodrigo, uma das Sete Maravilhas de Portugal, uma aldeia autêntica integrada na Rede das Aldeias Históricas de Portugal. De seguida, recomendo uma visita à Barca D’Alva, onde podemos observar a confluência do rio Douro com o Águeda e a possibilidade de fazer um passeio turístico pelo Douro. Recomendaria uma passagem pelo riquíssimo Museu de Artes e Ofícios de Escalhão, bem como, à sua Igreja Matriz, ao Real Mosteiro de Santa Maria de Aguiar e à Torre de Almofala, monumento nacional cuja requalificação se encontra praticamente finalizada e que será complementada com um Centro de Interpretação Ambiental... A visita à Serra da Marofa, ao Cristo Rei vale a pena, bem como uma visita guiada pela Faia Brava, a primeira reserva privada a nível nacional, com mais de mil hectares de terreno em estado bastante selvagem, excelente para o “bird watching” e para a observação de outras espécies de animais, como seja o caso dos garranos. Finalmente, as escarpas do Douro, uma paisagem fantástica que merece ser partilhada. A complementar este périplo, dispomos de uma gastronomia variada e rica e de uma oferta hoteleira já muito qualificada”.

## Figueira de Castelo Rodrigo

# Um caso de estudo em gestão autárquica

Guarda terem transportes aos fins-de-semana; falo da teleassistência aos nossos idosos, evitando assim o isolamento e o desfavorecimento desta faixa etária; falo ainda na continuidade da Academia Sénior... Em suma, um vasto conjunto de projetos e serviços de âmbito social desenvolvidos numa perspetiva de proximidade e de continuidade e extremamente importantes para garantir a estas populações qualidade de vida e bem estar. Mas também falo dos projetos estruturantes que temos vindo a desenvolver, nomeadamente as empreitadas, o Centro de Interpretação da Batalha de Castelo Rodrigo, o Centro de Interpretação Judaico de Figueira de Castelo Rodrigo, a requalificação da Torre de Almofala, intervenções de requalificação dos espaços públicos em Barca D’Alva, o principal ponto de entrada no concelho, a construção de uma nova avenida, que permitirá uma expansão urbanística para uma área da nossa vila que se encontrava



Academia de Música de Lagos:

# Só a política não reconhece ainda uma longa história de serviço público



Com a realização da audição final na Igreja de S Sebastião (Lagos) dos alunos matriculados no ano letivo 2018/19 no ensino artístico especializado da música em regime articulado não financiado pelo Estado, a Academia de Música de Lagos deu como encerrado o ano letivo, que decorreu sob a direção pedagógica do Prof e Mestre João Pedro Cunha e Dr. Frederico Barroso. Os alunos matriculados na Academia tiveram bom aproveitamento e continuam a constituir alunos de excelência em todos os domínios curriculares, com resultados brilhantes nos pré-requisitos de ingresso nas várias escolas de ensino superior do país e no estrangeiro e nas pautas de avaliação final das escolas do ensino oficial que frequentam.

No ano letivo findo, 159 alunos dos concelhos de Lagos, Portimão e Lagoa que estavam matriculados nas Escolas da Academia de Música de Lagos não tiveram acesso ao ensino artístico especializado da música em regime articulado patrocinado pelo Estado, mercê da decisão do Ministério da Educação em não aceitar a Academia de Música de Lagos ao concurso do contrato de patrocínio 2018/2024 sem fundamento legal, decisão contestada pela Academia por via de uma providência cautelar em apreciação no Tribunal Administrativo e Fiscal de Loulé desde o mês de setembro de 2018.

Câmaras Municipais de Lagos, Lagoa e Portimão ficaram indiferentes aos acontecimentos e foram colaboradores ativos na intentona de extermínio da Academia pela sua não identificação política, logo, independência, apesar da colaboração, contratos programa e acordos pacificamente desenvolvidos durante 33 anos de que foram beneficiários milhares de alunos algarvios, as Escolas de música da região (dotadas de maior número de valências instrumentais) a própria Orquestra do Algarve, hoje, Orquestra Clássica do Sul e o Algarve em particular.

Por outro lado, mais de duas centenas de alunos, que prosseguiram os estudos musicais no ensino artístico especializado da música em regime articulado financiado pelo Estado e pela Academia de Música de Lagos, abandonaram o ensino da música por inexistência de condições logísticas, técnicas e pedagógicas à altura do padrão de ensino a que vinham habituados e por não aceitarem as alternativas oferecidas pelas novas escolas financiadas e apadrinhadas pelo Ministério da Educação e fundadas por alguns professores dissidentes da Aca-



demia, alguns deles indiciados criminalmente e a aguardarem julgamento sob medidas de prevenção (termo de identidade e residência).

## Professores e outros profissionais no desemprego ou em precariedade

58 professores desta instituição foram para o desemprego ou saltaram de uma situação de trabalho efetivo e do quadro permanente para a precariedade; Professores que montaram e estruturaram as suas vidas profissionais e familiares nos concelhos onde possuíam maior número de horas de trabalho viram-se sem estabilidade nem segurança de trabalho devido à decisão arbitrária do Ministério da Educação ao afastar a Academia de Música de Lagos do concurso ao contrato de patrocínio. 18 trabalhadores especializados na área artística e administrativa foram para a situação de desemprego de ocupação de trabalho precário a tempo parcial... investimento na formação e especialização de pessoal administrativo e em gestão escolar totalmente desperdiçado. Em suma, vivemos num Estado de direito, em que temos direito a não ter direito nenhum. Resumidamente, foi este o balanço do ano letivo

findo, a que acresce o sentimento de desalento, de desconforto e de impotência para alterar o rumo dos acontecimentos.

## A vontade do homem é indispensável mas sem instituições não há obras que perdurem

Fundada a 27/5/1986 e com Sede em Lagos, a Academia de Música de Lagos é uma Associação de Utilidade Pública sem fins lucrativos. Possuía até 2018 o maior número de alunos a frequentarem o ensino artístico especializado da música a sul e organiza, produz e realiza eventos culturais. Anualmente, obtinha e obtém reconhecimento ao Manifesto Interesse Cultural e do seu historial consta a Medalha de Mérito Cultural (1993), a Medalha de Mérito Municipal, C.M. Lagos (2002), o Troféu Infante de Sagres (2009) e a Medalha de Mérito Municipal, Câmara Municipal de Portimão (2012). Membro da Association Européenne des Conservatoires/Académies de Musique et Musikhochschulen; AEEP, INATEL- REEI – EFFE – Europe for Festivals (selo de qualidade), tem pugnado a sua ação pela valorização dos compositores nacionais, encomendando várias obras interpretadas pelos solistas da Academia e

formações orquestrais. Uma Instituição com 33 anos de provas dadas, com resultados acima da média nacional na área do ensino artístico especializado da música, com alunos premiados a nível internacional, bem-sucedidos nos seus estudos musicais e com notas de ingresso ao ensino superior brilhantes; uma atividade cultural intensa, com a produção e realização de uma média de 300 espetáculos por ano, com um envolvimento de docentes e discentes em todas as formações orquestrais, com grande sucesso na concretização de concursos de música anuais, estágios internacionais, masterclass, workshops, realização do 66º Troféu Mundial de Acordeão; percursos na encomenda de obras de música clássica e erudita a nível nacional, com projetos originais já realizados e em curso... vê-se reduzida a uma dezena de alunos e sem recursos financeiros para indemnizar os seus colaboradores, que tiveram de procurar outro rumo e sem meios de subsistência por força da decisão do Ministério da Educação em afastar esta Associação ao contrato de patrocínio 2018/2024.

Depois da auditoria efetuada pelo IGEC - Inspeção Geral da Educação e Ciência - ao contrato de patrocínio no triénio 2015/2018, o resultado foi muito esclarecedor: das 67 páginas que constituem o resultado desse trabalho, evidenciamos os pontos fortes desta Instituição, de que destacamos: «Cumprimento da contraprestação curricular a que estava obrigada; Cumprimento global dos planos de estudos aprovados pelo ME, bem como as disposições de natureza pedagógica e administrativas referentes à organização e funcionamento dos cursos abrangidos pelo financiamento; Aplicação correta e honesta dos dinheiros públicos».

Também foi detetado e assinalado o esforço financeiro despendido pela Instituição no patrocínio e suporte do valor das propinas aos 780 alunos que excederam a cota financiada pelo Estado e que representou 1.838.424,00€ para defesa do projeto pedagógico, maior empregabilidade, diversificação da oferta educativa e formativa (disciplinas instrumentais), abertura de oportunidades a novos alunos e de continuidade no ensino artístico especializado da música dos alunos com especial vocação para as artes-vertente musica.

Durante mais de 20 anos, trabalhei para este projeto com sacrifício pessoal e familiar, penalizando a família com a minha ausência e disponibilizando ao serviço da causa reservas financeiras pessoais e familiares e assumindo responsabilidades financeiras de que sou prisioneiro até à atualidade. Um governo de um país que não reconhece o trabalho de quem o serve e não valoriza os resultados e sacrifício postos ao serviço da causa do ensino artístico especializado da música, com resultados pedagógicos, artísticos e de funcionamento acima dos padrões normais não merece grande crédito. O governo, com a sua decisão política de acabar com as Escolas da Academia, prestou um mau serviço ao Algarve, condenou centenas de alunos a não fazerem o percurso via artes na área da sua eleição e para o qual se sentiam vocacionados e provocou o abandono dos estudos musicais de centenas de



formações por falta de oferta alternativa qualificada, com padrões de excelência a que estavam habituados.

Tudo isto para, de forma discricionária, privilegiar o Conservatório público de Loulé, que beneficiou do corte na admissão de alunos novos nos concelhos de Lagos, Portimão e Lagoa, que estavam previstos entrarem pelas Escolas da Academia e admitiu cerca de 150 alunos novos (5.º ano, 1.º Grau) e herdou outros tantos alunos que foram transferidos do Conservatório de Música de Loulé/Secção de Loulé da AML para o Conservatório público.

Não preconizamos outro cenário que não seja a concretização da estratégia montada para acabar com a Academia e a aplicação do volume financeiro correspondente ao contrato de patrocínio previsto para a AML, para cobrir o funcionamento do Conservatório de Loulé e distribuir o remanescente pelas escolinhas entretanto criadas, sem condições logísticas e técnicas e com parte dos dirigentes a serem constituídos arguidos em processos-crime por ações desenvolvidas contra a Academia de Música de Lagos, onde exerciam funções docentes. A delação, a infidelidade, a deslealdade e a desonestidade pessoal e profissional dos professores dissidentes e alvo de processo-crime, a serem aproveitados pelo Ministério da Educação para fundamentar a arte de ludibriar e conseguir os seus objetivos políticos e financeiros.

Não tenho idade para viver o medo, depois de ter vivido a vida que vivi; passadas as passinhas do Algarve, no Algarve...; ter feito a guerra colonial nos piores teatros de guerra angolanos e sentir-me perseguido e prejudicado, desde 1987, nesta terra que me viu crescer e na qual quero ficar até morrer... Não tenho pretensões a herói, repúdio reconhecimentos e deferências pessoais, mas o trabalho desenvolvido ninguém conseguirá destruí-lo. São testemunhas beneficiárias milhares de alunos que aqui receberam o ensino da música e dos docentes, artistas, e pessoal administrativo e de assistência, que aqui trabalharam e que usufruíram de condições e de apoio, de consideração e respeito, que nunca mais irão conhecer nem usufruir noutras instituições.



**José Viegas Gonçalves**  
Presidente da Direção da Academia de Música de Lagos



# Projeto “Ativamente Sénior” distinguido Misericórdia de Macedo de Cavaleiros conquista Prémio Caixa Social 2019



A Santa Casa da Misericórdia de Macedo de Cavaleiros foi distinguida com o Prémio Caixa Social 2019, na categoria Inclusão Digital e Financeira, em reconhecimento das mais-valias evidenciadas através do Projeto Ativamente Sénior. Esta distinção é ainda acompanhada de um apoio financeiro no montante de 23.000€, apoiado pela CGD Caixa Social.

O Projeto Ativamente Sénior, desenvolvido e implementado pela Santa Casa da Misericórdia de Macedo de Cavaleiros, elege como target a população sénior do concelho e consiste no treino cognitivo, inovador na área da saúde, com recurso a novas tecnologias, visando assim a criação de um “Ginásio da Mente”, tendo ao dispor programas de Treino Cognitivo para a ativação das funções cognitivas com acompanhamento personalizado. Este projeto visa aumentar as reservas cognitivas dos seus destinatários (Atenção, Concentração, Perceção, Memória, Linguagem, Cálculo...), revitalizar e desenvolver a plasticidade cerebral, pelo aumento de sinapses interneurónicas, retardar o aparecimento de quadros

demençiais ou, quando estabelecidos, retardar o seu desenvolvimento e reabilitar competências cognitivas comprometidas por depressões, perturbações do sono, distúrbios de memória e quadros demenciais. Deste modo, o projeto agiliza-se como um processo terapêutico que permite a estimulação ou recuperação das funções cognitivas fragilizadas.

Os Prémios Caixa Social são uma iniciativa da Caixa Geral de Depósitos para distinguir e apoiar financeiramente o trabalho desenvolvido pelas entidades do terceiro setor, focado na valorização das pessoas. Inserem-se no âmbito do seu contributo para aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e dos 10 Princípios do Pacto Global, ambos das Nações Unidas, que inspiram a sua Estratégia de Sustentabilidade 2018/2020.

Nesta primeira edição, das quase 600 candidaturas recebidas, provenientes de todo o país, foram selecionados 19 projetos com carácter inovador, orientados para a mitigação da pobreza e promoção da inclusão nas suas mais variadas vertentes.

As candidaturas e respetivos projetos foram apreciados por um Júri independente, que integra personalidades de referência com distintas visões e percursos profissionais, a par de um profundo conhecimento da diversidade social portuguesa, constituído por Maria José Ritta, Filipe Santos, Paula Guimarães e Jorge Líbano Monteiro, e presidido por Emílio Rui Vilar, Presidente do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos.



## “Vaping”: uma alternativa ao “smoking” a pensar na redução de danos

Pelo menos nas sociedades mais liberais, humanistas e civilizadas, longe vão os tempos das abordagens proibicionistas no que respeita aos consumos de determinadas substâncias ou produtos. Se, no passado, a maioria dessas mesmas sociedades chegaram a criminalizar o uso e posse de algumas, como as tradicionais drogas e o álcool, ao longo da história foram percebendo que uma abordagem mais pragmática passaria pela consciencialização e pela aproximação de serviços de saúde e sociais a quem sofria com o consumo. Da Lei Seca, americana, à sobre-lotação de cadeias europeias graças à prisão de cidadãos a necessitar de cuidados sociais e de saúde, foram vários os erros com que aprendemos. De forma hipócrita, foram-se tolerando os consumos de álcool e de tabaco, as duas substâncias que mais matam no mundo...

Pelo meio, foi-se aprendendo que melhor seria empreender pela redução de riscos e minimização de danos, num contexto em que abandonar o consumo não é a opção de quem tem que decidir... A propósito, surgem-nos também vários exemplos ao longo da história que demonstram ser inteligente propor alternativas menos nocivas, mesmo sob o título de terapêuticas de substituição, tal como acontece com a metadona em relação à heroína, com alguns outros fármacos em relação à cocaína, ao álcool ou ao jogo ou, se preferirmos ser mais arrojados, com o “vaping” em relação ao “smoking”...

O mais curioso, ou talvez não, é que também hoje surgem forças de resistência, retrógradas e comodistas, contrárias à redução de riscos e minimização de danos quando falamos em tabaco... Tal como sucedeu relativamente à metadona ou à troca de seringas, há três décadas... Sim, o tabaco, essa substância que nos garante alta probabilidade de desenvolver um cancro ou de parecermos o Obikwelu no fim de uma corrida quando afinal... apenas subimos meia dúzia de escadas... Hoje, existe uma alternativa suficientemente viável para os fumadores. Sob várias formas, com diversos sabores, “texturas”, mais vapor, menos vapor... Na verdade, o “velhinho” cigarro eletrónico evoluiu muito... E poderíamos citar aqui diversos estudos de base científica que atestam essa função redutora de riscos e danos. Claro que também a tradicional indústria do tabaco se defende e contra-ataca... se não tivesse tanta fixação no lucro rápido, já



teria certamente percebido que a sobrevida dos seus clientes justificaria um investimento focado na diminuição dos danos para os mesmos, gerando desta forma lucros mais prolongados no tempo.

Vaping ou smoking? É verdade que o boom de há seis anos traduziu, mais tarde, muitos casos de insucesso. Também é verdade que o dispositivo evoluiu e que uma ainda que reduzida percentagem de “fiéis” justifica muitos ganhos e poupanças.

Hoje, o vaping, embora tenha convencido um segmento muito transversal e heterogéneo da população, revela-se em pouca quantidade de seguidores. Se há seis anos víamos muita gente de “caneta na boca” e estranhávamos, hoje vemos menos, com dispositivos bem diferentes, muito mais (con)fiáveis e menos incómodos para terceiros... Por outro lado, o vaping assume-se hoje também numa espécie de sub-cultura... Rendidos a uma sentida proteção da saúde que, rapidamente, assumiu também uma dimensão de prazer, os vapers aproveitaram mais um motivo para se reunirem numa espécie de rito social, elevando o vaping a uma função muito tradicional, semelhante ao que designamos como “beber socialmente”... Testemunhámos isso mesmo na SóVapor, “uma loja que oferece uma alternativa bem menos nociva a quem consome tabaco”, descrição de Luís Madeira para um negócio que inaugurou há um ano, na Maia. O mesmo que afirma sentir um “especial gosto e orgulho por, durante este primeiro ano, ter ajudado tanta gente a deixar de fumar e a optar por uma alternativa muito mais saudável”. “Eu próprio fui fumador, durante 15 anos e, hoje, sinto bem a diferença... deixei de fumar há quatro anos e todas aquelas sequelas negativas associadas aos cigarros desapareceram”. Paulo Vinhas é o “companheiro de negócio” nesta aventura. Admitindo que o vaping não é propriamente uma cura para todos os males e que até há quem recaia no consumo de cigarros,

reconhece igualmente que não recomenda a nenhum potencial cliente que se inicie no cigarro eletrónico sem que constate uma dependência prévia do cigarro tradicional: “Não estamos aqui para auxiliar ninguém a iniciar consumos, apenas para oferecer uma alternativa muito menos nociva, como o comprova vários estudos científicos publicados por entidades bem credíveis”.

De todo o modo, o vaping parece ter mesmo vindo para ficar, pelo menos entre alguns, como o atesta o facto de, passada quase uma década sobre o seu surgimento em Portugal, continuarem a abrir lojas especializadas...







ADEGA  
DE  
SABROSA

*Brindamos a todos aqueles que ajudaram a  
Adega de Sabrosa ao longo destes 60 anos.*

*A todos eles o nosso muito obrigado!*

